

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

ALESSANDRA CARDOSO

**NARRATIVAS DO HAITI E DOS HAITIANOS NO CONTEXTO DO TERREMOTO
DE 2010 EM JORNAIS SUL-RIOGRANDENSES (2010-2011)**

CAXIAS DO SUL

2020

ALESSANDRA CARDOSO

**NARRATIVAS DO HAITI E DOS HAITIANOS NO CONTEXTO DO TERREMOTO
DE 2010 EM JORNAIS SUL-RIOGRANDENSES (2010-2011)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como exigência para obtenção de graduação em
Licenciatura em História da Universidade de
Caxias do Sul.

Orientadora Prof^ª. Dr^ª. Katani Maria Monteiro
Ruffato

CAXIAS DO SUL

2020

ALESSANDRA CARDOSO

**NARRATIVAS DO HAITI E DOS HAITIANOS NO CONTEXTO DO TERREMOTO
DE 2010 EM JORNAIS SUL-RIOGRANDENSES (2010-2011)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como exigência para obtenção de graduação em
Licenciatura em História da Universidade de
Caxias do Sul.

Aprovado em: 16 de dezembro de 2020

Banca examinadora

Prof^a. Dr^a. Katani Maria Monteiro Ruffato

Universidade de Caxias do Sul

Prof^o. Dr^o. Ramon Victor Tisott

Universidade de Caxias do Sul

AGRADECIMENTOS

Quero iniciar agradecendo minha professora orientadora, Katani Maria Monteiro Ruffato, por todas as aulas incríveis, o incentivo e apoio para a realização desta pesquisa. Agradeço imensamente a todos os professores que passaram pela minha vida, desde os anos iniciais até a graduação, e que me inspiraram a seguir o caminho no qual me encontro.

Agradeço meus pais, Sandra Nara de Souza e Alex Sandro Cardoso, pelo incentivo em entrar no ensino superior mesmo que eles não tenham tido a oportunidade. Apesar das dificuldades, estudar foi sempre uma opção para mim, até quando não parecia possível continuar.

Aos meus amigos. Agradeço principalmente aos que pacientemente me ouviram falar sobre o Haiti, que ouviram minhas ideias, minhas considerações sobre os textos que li e sobre as inseguranças ao escrever um trabalho que considero tão importante.

Agradeço aos servidores públicos do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami de Caxias do Sul em me receber no contexto da pandemia de COVID-19 com todos os cuidados necessários. O trabalho e atenção de vocês viabiliza pesquisas como essa.

Gostaria de finalizar agradecendo todos aqueles que se levantam contra a exploração e a opressão. Aos haitianos e haitianas que mesmo diante das imposições de senhores e militares lutaram e lutam em prol da liberdade. Essa pesquisa é para vocês.

“Para o colonizado, a vida só pode surgir do cadáver em decomposição do colono.”

Frantz Fanon

RESUMO

O terremoto de 7 pontos na escala Richter que atingiu o Haiti em 12 de janeiro de 2010 foi amplamente noticiado pela mídia internacional e nacional. Na imprensa sul-riograndense várias capas de periódicos estamparam as imagens de destruição do pequeno país caribenho. Neste sentido a presente pesquisa trabalha com as narrativas construídas pelos jornais *Correio do Povo*, *Correio Riograndense* e *Pioneiro* a respeito do Haiti e dos haitianos no período que sucedeu ao sismo. Intitulado de mais pobre das Américas o país possui uma história marcada pela exploração e fenômenos naturais devastadores, assim o objetivo geral do trabalho é identificar nos periódicos selecionados a existência de narrativas anti-haitianistas, ou seja, narrativas estigmatizantes pautadas em preconceitos originados no período colonial. A análise de conteúdo, mesclando interpretações quantitativas e qualitativas, é o método que utilizaremos para alcançar os objetivos propostos. Teoricamente introduzida na História do Tempo Presente a pesquisa demonstra-se necessária tanto pelas relações que o Brasil estabeleceu com o Haiti desde a intervenção iniciada em 2004 sob a bandeira da ONU, quanto pela vinda de milhares de imigrantes haitianos após o terremoto de 2010. Além disso, o recrudescimento de discursos e práticas racistas impulsiona a discussão sobre a representação construída ao longo do tempo a respeito da população negra.

Palavras-chaves: Haiti. Terremoto. Narrativas. Jornais sul-riograndenses.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Localização do Haiti	20
Figura 2 – Haitiano segura criança no colo. Porto Príncipe, Haiti, janeiro de 2010	32
Figura 3 – Homem sob escombros. Porto Príncipe, Haiti, janeiro de 2010	37
Figura 4 – Embarque de médicos e bombeiros em Brasília, Distrito Federal, janeiro de 2010	39
Figura 5 – Zilda Arns, sem data	43
Figura 6 – Homem entre escombros. Porto Príncipe, Haiti, janeiro de 2010	45
Figura 7 – Acampamento improvisado. Porto Príncipe, Haiti, fevereiro de 2011	47
Figura 8 – Homem com cólera à beira da estrada. Porto Príncipe, Haiti, fevereiro de 2011	49
Figura 9 – Haitianos observam os mortos. Porto Príncipe, Haiti, janeiro de 2010	53
Figura 10 – Haitianas e haitianos. Porto Príncipe, Haiti, janeiro de 2010	55
Figura 11 – Haitianos em disputa. Porto Príncipe, Haiti, 2010.....	56
Figura 12 – Manifestantes em Pétienville, Haiti, fevereiro de 2010	57

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 HAITI ESQUECIDO: BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DE UM POVO	19
2.1 O HAITI DA REVOLUÇÃO	21
2.2 O HAITI DAS INTERVENÇÕES DA ONU	26
3 NARRATIVAS DO HAITI E DOS HAITIANOS NO CONTEXTO DO TERREMOTO DE 2010 EM JORNAIS SUL-RIOGRANDENSES	31
3.1 O TERREMOTO NAS PÁGINAS DO <i>CORREIO DO POVO</i>	33
3.2 O TERREMOTO NAS PÁGINAS DO <i>CORREIO RIOGRANDENSE</i>	40
3.3 O TERREMOTO NAS PÁGINAS DO <i>PIONEIRO</i>	51
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
5 REFERÊNCIAS	63

1 INTRODUÇÃO

Em 12 de janeiro de 2010 um terremoto com 7 pontos na escala Richter abalou as estruturas físicas do Haiti e o país voltou aos radares da mídia internacional de maneira trágica. Nos jornais sul-riograndenses não foi diferente. O Brasil muito tinha a dizer sobre o ocorrido, tendo em vista sua atuação militar presente desde 2004 a serviço da ONU na chamada Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH). Diante disso, o presente trabalho busca analisar as narrativas veiculadas em jornais produzidos em Caxias do Sul e Porto Alegre a respeito do Haiti e dos haitianos no contexto do terremoto 2010.

A região que hoje compreende o território haitiano foi habitada por indígenas e posteriormente colonizada por franceses que chamaram a área de Saint Domingue¹. Ela prosperou com a produção de cana-de-açúcar, motivo pelo qual ficou conhecida como Pérola das Antilhas, mas não sem o uso de africanos capturados e traficados ao continente americano. Os ideais iluministas que agitavam a França no final do século XVIII foram introduzidos nas colônias e em 1792 a Assembleia Legislativa francesa declarava que todo negro liberto e mulato gozava dos direitos de cidadania (NOEL, 2017). Assim, Toussaint Louverture, escravizado liberto e maior líder da Revolução Haitiana, organizou a população negra e mulata em um exército que lutou contra seus senhores até a declaração, em 1804, da Independência. Nesta data nascia o Haiti.

A Revolução representou uma ameaça às outras nações que tinham como sistema produtivo a escravidão. O Haiti passou a simbolizar perigo aos opressores e inspiração aos povos oprimidos e, desde então, ficou marcado por problemas que parecem nunca serem resolvidos. O terremoto de 2010 trouxe para as reportagens de inúmeros jornais as instabilidades políticas, econômicas e sociais do país que aparentam ter surgido a partir da derrota definitiva dos senhores de escravos (VASCONCELOS, 2016).

A análise das narrativas do terremoto em jornais do Rio Grande do Sul se mostra importante tanto pela necessidade de estudar o Haiti quanto pela presença de haitianos no

¹ Em virtude das variadas nomenclaturas atribuídas ao que hoje compreende o Haiti, utilizaremos na pesquisa a divisão proposta por Scaramal (2006) em seu livro *Haiti: fenomenologia de uma barbárie*. De tal modo que Hispaniola ou São Domingos denomina a totalidade da ilha, Saint Domingue refere-se ao período de dominação francesa da parte ocidental enquanto que Santo Domingo ao período de dominação espanhola da parte oriental.

Brasil, pois o discurso veiculado nas inúmeras páginas impacta os leitores, podendo ser reproduzido nas relações estabelecidas entre imigrante e população local. Para tanto, os periódicos utilizados são oriundos das cidades de Caxias do Sul e Porto Alegre, cidades receptoras de haitianos, sendo eles o *Correio do Povo*, *Correio Riograndense* e *Pioneiro*. A temática da pesquisa está inserida na História do Tempo Presente, área que se preocupa em estudar eventos muitas vezes vivenciados pelo historiador que os analisa, cujos testemunhos estão vivos e, geralmente, passaram por eventos traumáticos.

Os estudos sobre o Haiti intensificaram-se após o terremoto de 2010. Houve uma demanda social na produção de conhecimento sobre a população que ao Brasil chegava e, por conta disso, diversas áreas científicas passaram a investigar as temáticas que cercam o universo haitiano: desde as motivações que fazem haitianos saírem de seu país, a rota que tomam e a vida que levam no destino escolhido. O foco dos trabalhos variam e cada pesquisador se atém a pontos específicos da diáspora.

Willian Hoppe e Mateus Dalmaz (2019, p. 1), por exemplo, utilizam os jornais como fonte a fim de “compreender a representação simbólica sobre imigração haitiana para o Vale do Taquari/RS”. Desse modo, fazem uma análise qualitativa das notícias publicadas entre os anos de 2012 e 2017, observando aspectos como a língua, raça, trabalho, moradia, acolhimento e cultura. Os autores percorrem os tópicos e demonstram a complexidade do movimento migratório, permeado de dificuldades e desafios. *O Informativo do Vale*, fonte principal da pesquisa, noticia a preocupação do governo municipal em integrar a população haitiana na sociedade por meio de iniciativas públicas que possibilitem o intercâmbio cultural.

Bastante frizado por Hoppe e Dalmaz (2019) é a condição de produção, distribuição e recepção do periódico. Os autores argumentam sobre a necessidade de historiar o próprio jornal dentro do contexto de transformações da sociedade na qual ele está inserido e nas necessidades que busca atender. Assim, *O Informativo do Vale* segue as demandas do mercado e é parte importante da vida na região do Vale do Taquari, onde circula por 37 municípios (HOPPE; DALMAZ, 2019). Apesar disso, a pesquisa explicita que

não se pode tomar o discurso como verdade absoluta, uma vez que, enquanto empresa, os estímulos de mercado são levados em consideração no momento de publicar ou não certa informação. E, caso opte pela publicação, essa é feita de forma neutra, ficando a interpretação por conta do leitor. (HOPPE; DALMAZ, 2019, p. 16)

Há que se pensar a respeito da neutralidade a que se referem os autores. Segundo Oliveira (2014), em sua dissertação *Representação do sofrimento em capas de jornais brasileiros: coberturas fotográficas dos terremotos no Haiti e no Japão*, sobre a veiculação de imagens em periódicos brasileiros do terremoto de 2010 no Haiti, destaca que

A evolução de técnicas e tecnologias de comunicação tem possibilitado às pessoas o acesso a um número cada vez maior de imagens fotográficas, o que faz com que os jornais façam uso mais intenso e frequente das imagens disponíveis, não somente para informar o leitor, mas também para propagarem suas ideias e opiniões sobre os fatos para um número maior de pessoas e, por meio dos discursos que fazem circular, alimentar a memória e o imaginário coletivos sobre diversos assuntos, inclusive países, seus povos e suas culturas. (OLIVEIRA, 2014, p. 17).

Assim como as fotografias, a autora analisa os espaços que elas ocupam junto das manchetes veiculadas nas capas dos referidos periódicos. Unidos os elementos constroem um discurso fundamentado, principalmente, mas não só, na imagem de sofrimento do episódio estudado (OLIVEIRA, 2014). Em sua dissertação também trabalha com o sismo ocorrido em 2011 no Japão, tendo por objetivo comparar a forma como os dois terremotos foram retratados nas mídias selecionadas. Suas reflexões partem da fotografia como representação do real e não da realidade em si, e apoia-se nos dados econômicos e sociais de cada país para demonstrar que as escolhas editoriais feitas por cada jornal principiam de ideias já estabelecidas. Logo

[...] nota-se que a cobertura feita pelos jornais avaliados nesse estudo nos dois momentos pode contribuir para que essas diferenças sejam explicitadas, principalmente no que diz respeito à forma que o sofrimento das pessoas foi apresentado aos leitores das publicações. Percebe-se que houve, em todos os jornais, distinções na forma de construção dos discursos acerca de cada um dos terremotos. Essa diferença é mais patente na forma de exposição do sofrimento das pessoas vitimadas pelas catástrofes naturais. (OLIVEIRA, 2014, p. 30).

Utilizando o método qualitativo e quantitativo, Oliveira traça paralelos entre o Haiti e o Japão e suas respectivas relações com o Brasil, se atendo pouco aos processos históricos que construíram cada nação. No caso haitiano a autora menciona a corrupção, as ditaduras e a pobreza como aspectos agravantes ao sofrimento da população, sem apontar possíveis origens dos problemas enfrentados. Destaca o discurso dos jornais ao retratar o Haiti como um “país miserável, com um povo violento e que dependeria do auxílio de outros países, inclusive do Brasil, para que a nação não sofresse um novo colapso” (OLIVEIRA, 2014, p. 40). É importante frisar que sua pesquisa desenvolve-se em torno da comparação entre dois

discursos acerca de países com histórias distintas e por escrever do ponto de vista da área das linguagens apoia-se em metodologias e análises particulares a esta área.

O historiador Alex Donizete Vasconcelos voltou seu olhar para a história haitiana em dois momentos de sua trajetória acadêmica, no mestrado e doutorado. Ambos trabalhos abordam o conceito de identidade, mas a construção da pesquisa e as fontes diferenciam-se em cada um deles. Na dissertação, *A MINUSTAH e a alteridade: representações e identidades haitianas nos discursos da ONU e da Folha de São Paulo (2004-2010)*, Vasconcelos utiliza como fonte artigos e reportagens publicadas pela Folha de São Paulo e documentos produzidos pela Organização das Nações Unidas (ONU) no período que compreende o início da operação da Missão de Paz no Haiti em 2004 até o terremoto que ocorreu em janeiro de 2010, momento em que estava concluindo sua pesquisa. Ao empregar a análise de discurso dentro de uma perspectiva histórica, o historiador lança mão da história do tempo presente que, segundo ele, é

uma história cuja poeira levantada pelos rastros dos sujeitos históricos - ou por eventos como o sismo que varreu o Haiti no dia 12 de janeiro de 2010 -, ainda encontra-se suspensa turvando, por vezes, a visão daqueles que como nós se arriscam a seguir demasiado de perto esses passos. (VASCONCELOS, 2010, p. 24).

Deste modo, Vasconcelos contrapõe as falas sobre o distanciamento legítimo, em certo grau, o trabalho do historiador ao constatar que “Nunca é demais lembrar que toda história, qualquer que seja ela, tem suas raízes no presente, constituindo-se, em alguma medida, uma história do presente.” (VASCONCELOS, 2010, p. 24). Assim, ao dedicar o último subtítulo da dissertação para incluir o terremoto dentro do contexto da operação da ONU o autor reconhece sua ligação com o tema do trabalho e a importância em abordá-lo mesmo que esta seja uma história em curso no presente da escrita da dissertação.

A análise das matérias da Folha de São Paulo sobre o terremoto de 2010 giram em torno de conceitos expostos em toda a dissertação sendo os principais deles o colonialismo e o racismo. Na última etapa da escrita Vasconcelos volta sua atenção às descrições nos jornais de imagens construídas a respeito do Haiti e dos haitianos nos dias decorrentes ao sismo, reforçando os estigmas e preconceitos reproduzidos desde o período colonial. Tais discursos são caracterizados pelo historiador como sensacionalistas e desprovidos de historicidade, em tentativas, geralmente bem sucedidas, de culpabilizar o povo haitiano de um evento natural

com o qual não saberia lidar (VASCONCELOS, 2010). Há, contudo, uma pequena parcela de reportagens escritas por aqueles que buscam desconstruir essas narrativas.

Na tese de doutorado, *Identidades haitianas na história, na literatura e em discursos midiáticos do Haiti, da República Dominicana e dos Estados Unidos (2004-2014)*, Vasconcelos dispõe de jornais produzidos e escritos de outros locais sendo eles: o próprio Haiti, a República Dominicana e os Estados Unidos. Seu objetivo é construir o processo de atribuição de identidades ao povo haitiano valendo-se da historiografia e literatura produzidas, e percebê-las nas narrativas midiáticas entre os anos de 2004 e 2014, período de atuação da MINUSTAH (VASCONCELOS, 2016). Por meio da literatura o historiador busca no período revolucionário haitiano a origem de discursos até hoje empregados por seus antigos colonizadores. Sua metodologia é pautada pela análise de discurso e dividida em dois momentos: o primeiro dedicado a historiar as narrativas construídas ao longo do tempo sobre o Haiti, os sujeitos envolvidos e a literatura produzida; no segundo momento busca nos jornais investigados as “relações interdiscursivas” dos diversos discursos analisados, que desse modo constroem as identidades (VASCONCELOS, 2016, p. 27). Assim

A opção por veículos midiáticos haitianos deu-se principalmente em função da necessidade de se buscar compreender o modo pelo qual determinados discursos anti-haitianistas são recebidos e processados pela mídia haitiana, e, sobretudo, como e em que medida lhe influencia. No que toca aos Estados Unidos e à República Dominicana a opção se deu em função, em especial, do papel histórico desempenhado por esses atores na estruturação, no estabelecimento e na perpetuação dessa discursividade performática anti-haitiana. (VASCONCELOS, 2016, p. 22)

Diferente da proposta apresentada na dissertação de Oliveira (2014), Vasconcelos (2016) procura a gênese dos discursos que circulam nas fontes analisadas. Por vezes a mídia representa os interesses de elites econômicas e políticas que, no caso da República Dominicana e dos Estados Unidos, tenta justificar intervenções militares, políticas racistas e desviar a atenção de problemas internos baseados no discurso da incapacidade de uma população com cerca de 95% de negros se governar. O racismo é, portanto, um conceito central nas análises. Além disso, o autor toma o cuidado de expor as respostas aos discursos hegemônicos, tornando plural as vozes presentes na tese. Dito isso, a produção acadêmica do historiador é cara à atual pesquisa pelas aproximações teóricas e metodológicas existentes.

Dito isso, a presente pesquisa visa analisar o conteúdo veiculado nos jornais *Correio do Povo*, *Correio Riograndense* e *Pioneiro* a respeito do terremoto que atingiu o Haiti em

2010 buscando evidenciar qual é a narrativa adotada pelos periódicos ao tratar do tema. De modo a atingir tal objetivo outras questões devem ser atendidas, são elas:

- Seleção de reportagens dos jornais *Correio do Povo*, *Correio Riograndense* e *Pioneiro* no período de janeiro de 2010 à fevereiro 2011 observando: qual o espaço destinado no jornal ao tratar do tema?
- Quais imagens são utilizadas nas reportagens e o que elas buscam representar?
- Como o Haiti e sua população são descritos? Há consenso entre os jornais?
- É possível perceber o reforço de estigmas e preconceitos destinados à população haitiana?

O tema da migração tem sido pauta em diversos países na última década visto o agravamento da crise capitalista de 2008 e as medidas protecionistas de países centrais do sistema, como os Estados Unidos, que criaram medidas de contenção. Novamente o imigrante passou a representar uma ameaça, principalmente aqueles vindos de países periféricos. Discursos xenofóbicos retornaram com força mesmo no caso de refugiados de guerra. No caso haitiano, em que migrar constitui parte de sua cultura, novas rotas entraram no radar e o Brasil, visto como um local próspero em meio a crise, tornou-se destino de grande parte dos imigrantes.

A vinda de haitianos ao Brasil, intensificada após o sismo de 2010, levantou diversos debates acerca de sua inserção na sociedade brasileira. Desde então trabalhos acadêmicos das diversas áreas do conhecimento vêm tentando responder algumas questões levantadas por tais debates. Geógrafos, psicólogos, antropólogos e linguistas trabalham com aspectos da imigração haitiana como gênero, mercado de trabalho, impactos do terremoto na saúde mental, temas também pertinentes aos historiadores, mas até o momento pouco explorado por eles. Os estudos geralmente focam nos processos migratórios que de alguma maneira estiveram ligados ao terremoto, sendo o sismo colocado a nível de motivação das migrações. Cabe aqui historiar, portanto, o terremoto e sua reverberação na mídia nacional, em especial a sul-riograndense, dado a presença de imigrantes na região e o local no qual a pesquisa está sendo desenvolvida.

A proposta deste estudo é analisar a repercussão do terremoto no Haiti em jornais de Porto Alegre e Caxias do Sul por uma perspectiva histórica, visto que tal evento está fortemente relacionado ao Brasil por dois grandes motivos: a presença de forças militares brasileiras a serviço da MINUSTAH no período anterior e posterior ao sismo, e a presença de

imigrantes haitianos em nosso país ampliada após 2010. Dito isso, é necessário pensar de que forma os jornais escolhidos narram não só o evento mas a imagem que circula em suas páginas sobre o Haiti e os haitianos.

Ao tratar do terremoto de 2010 no Haiti a partir da perspectiva histórica algumas considerações sobre a teoria empregada são pertinentes, isto porque o tema da atual pesquisa se insere na chamada História do Tempo Presente que tem como característica essencial a existência de testemunhos vivos. É comum que a temática do historiador abranja episódios traumáticos, sendo ele próprio um agente ou espectador daquilo que busca historiar. Desse modo, escrever sobre a história do tempo presente requer do pesquisador constantes reflexões a respeito de sua subjetividade e prática (DOSSE, 2012).

No Brasil a história oral foi fundamental para a afirmação da história do tempo presente como uma área de estudos, tendo sido fomentada na década de 1990 quando o país passava pelo processo de redemocratização após 21 anos de ditadura civil-militar. Assim, como ressalta Ferreira (2018, p. 88) “À medida que se consolidavam as instituições democráticas, um maior número de pessoas se interessava por conhecer a história do regime militar e também a trajetória dos grupos reprimidos e minorias”.

A demanda social por esta história colocou sobre o trabalho do historiador uma vigia constante dos atores que participaram dos eventos que ele busca historiar dado que “podem contestar os registros históricos nos quais não se reconhecem, o que torna ainda mais necessária uma estrita articulação entre História e memória” (DOSSE, 2012, p. 15), pois, como alerta o próprio Dosse (2012, p. 16) “História do tempo presente não é sinônimo de história oral” considerando a diversidade de fontes disponíveis aos historiadores.

De tal modo, a pesquisa também se articula em torno da História Cultural, visto que, “comunicar é produzir cultura” (BARROS, 2005, p. 127) e ao utilizar jornais como fonte busca-se mapear as manifestações produzidas dentro de determinada sociedade a respeito da temática escolhida. Tais manifestações são carregadas de representações construídas a partir das sensibilidades que segundo Pesavento (2007, p. 56) corresponde ao “núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana no mundo”. O sensível está, portanto, ligado à subjetividade dos indivíduos e para ser possível entrar em contato com ela é necessário haver materializações dela disponíveis aos historiadores (PESAVENTO, 2007). Assim

Sensibilidades se exprimem em atos, em ritos, em palavras e imagens, em objetos da vida material, em materialidades do espaço construído. Falam, por sua vez, do real e do não real, do sabido e do desconhecido, do intuído ou

presentido ou do inventado. Sensibilidades remetem ao mundo do imaginário, da cultura e seu conjunto de significações construído sobre o mundo. (PESAVENTO, 2007, p. 58)

Isto posto, os periódicos podem nos fornecer material para a interpretação das práticas e representações de determinada sociedade em relação a determinado evento, neste caso o sismo ocorrido no Haiti em 2010. De acordo com Barbosa (2018, p. 52) seu grande diferencial como fonte consiste em sua natureza porque ele “permite um olhar coletivo, diversificado, plural”, por isso é essencial pensar no jornal não como

um transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos e tampouco uma fonte desprezível porque permeada de subjetividade. A imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social. Partindo desse pressuposto, o historiador procura estudá-lo como agente da história e captar o movimento vivo das idéias e personagens que circulam nas páginas dos jornais. (CAPELATO, 1988, p. 21).

Ao tratar da história recente do Haiti por meio de periódicos escritos e publicados em duas grandes cidades do Rio Grande do Sul, Porto Alegre e Caxias do Sul, é possível fazer considerações sobre a própria sociedade e seu contexto de produção e circulação dos mesmos. O espaço destinado a certos conteúdos, as fotografias escolhidas, o tamanho das matérias, as palavras empregadas nas notícias fazem parte do universo jornalístico que Leite (2015, p. 13) denominou como “um produto resultado de conflitos e interesses no interior de uma sociedade, manipulado e produzido dentro de forças conflitantes, sujeito a interferências internas e externas”. De igual forma, a seleção de fontes feita pelo historiador diz respeito ao seu lugar num determinado espaço social, acadêmico, comunitário (BARROS, 2012).

A fim de instrumentalizar a pesquisa será empregado como método a análise de conteúdo aplicada em matérias dos jornais *Correio do Povo*, *Correio Riograndense* e *Pioneiro* publicadas entre janeiro de 2010 e fevereiro de 2011. A delimitação do período é justificada pela atenção dada ao Haiti após o terremoto que o atingiu no início de 2010. É importante destacar que conforme passaram-se os meses o espaço para noticiar o sismo e suas consequências foi diminuído. As publicações das semanas seguintes ao ocorrido foram priorizadas por contarem com maior elementos para a análise. Já os jornais, foram escolhidos tanto pelo local de produção da pesquisa quanto pela relevância na região onde são produzidos e publicados. Tanto o *Correio Riograndense* quanto o *Pioneiro* foram consultados na mesma formatação do impresso, a diferença está no modo de acesso pois o primeiro deles

encontra-se disponível no site da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul², enquanto o segundo encontra-se no formato físico no Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami em Caxias do Sul. No caso do Correio do Povo as reportagens selecionadas estão no formato digital no site do jornal³.

De acordo com Zicman (1985, p. 94) a análise de conteúdo, além de servir como método a diversas disciplinas, também atua como um instrumento de “desocultação” que permite aprofundar as possíveis significações dos textos. Na presente pesquisa será promovida uma análise temática, isto é, busca-se evidenciar semelhanças e diferenças na abordagem dos jornais sobre o terremoto de 2010 no Haiti. No caminho para desocultar as significações carregadas por cada periódico é necessário reunir informações sobre quem são os proprietários, qual é o público alvo, quando foi produzido, se há intenções explícitas na editoria para que a compreensão das matérias seja o mais detalhada possível (LEITE, 2015).

Não só do texto escrito é composto as matérias, por isso é importante analisar a fotografia como integrante da narrativa jornalística. A fotografia faz parte da imprensa desde o final do século XIX, mas foi somente no início do século XX que um jornal inglês publicou a imagem capturada pelo olhar de um repórter (MAUAD, 2004). Assim nascia o fotojornalismo. Como argumenta Mauad (2015, p 85) as imagens “revelam aspectos da cultura material e imaterial das sociedades, compondo a relação entre o real e o imaginário social”. Desse modo, analisar as fotografias é igualmente analisar a construção dos significados presentes nos jornais. Com o intuito de empregar este recurso como fonte é crucial não descolá-la de “seus contextos de produção, circulação, consumo, descarte e institucionalização. O contexto da imagem fotográfica não é seu conteúdo, mas o modo de apropriação da imagem como artefato” (CARVALHO; LIMA, 2009, p. 35). Ainda de acordo com Carvalho e Lima (2009) as imagens podem ser estudadas dentro das semelhanças e repetições, ou seja, quais elementos existem em comum nas fotografias, quantas vezes aparece em algum jornal, se a mesma é utilizada em outro. Por conseguinte, a imagem é capaz de construir narrativas que se perpetuam assim como o texto visto que “os padrões visuais que emergem das recorrências podem ser entendidos como construções de sentidos bem sucedidas e vinculadas às práticas sociais” (CARVALHO; LIMA, 2009, p. 47).

² Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/portalliquid/>>.

³ Disponível em: <<https://www.correiodopovo.com.br/>>.

No capítulo a seguir, Haiti esquecido: breves considerações sobre a história de um povo, procuramos construir uma narrativa que dê conta dos principais acontecimentos do país caribenho focalizando na colonização francesa, na revolução e nos governos autoritários do século XX. A partir do levantamento bibliográfico e o diálogo entre autores o capítulo três, Narrativas do Haiti e dos haitianos no contextos do terremoto de 2010 em jornais sul-riograndenses, será dedicado à análise dos periódicos dentro das devidas considerações teóricas e metodológicas.

2 HAITI ESQUECIDO: BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DE UM POVO

Há, e sempre haverá, os que, envergonhados do comportamento de seus antepassados, tentam, e tentarão, provar que a escravidão não era assim tão ruim, apesar de tudo; que seus males e suas crueldades residiam no exagero de propagandistas e não na sorte habitual dos escravos.

C. L. R. James

No final do século XV a terra na qual hoje está localizado o Haiti era povoada por cerca de 250 mil nativos de dois grupos étnicos distintos: os tainos-arawaks, que atribuíram o nome de Quisqueya à ilha, e os chemés (SCARAMAL, 2006). De acordo com Vasconcelos (2010) a sociedade estava organizada numa hierarquia composta por cinco cacicados e chefes locais. Quando em 1492 Cristóvão Colombo pisa na ilha caribenha, chamada por eles de Hispaniola, é decretado o início do genocídio dos nativos. A resistência indígena não foi capaz de conter a brutalidade do colonialismo. Em poucas décadas as doenças, a fome, o trabalho forçado e o assassinato promovido pelos espanhóis reduziram o número de indígenas até a sua dizimação completa (JAMES, 2010). Assim empreendeu-se a entrada dos europeus no continente. Não tardou para que os colonizadores buscassem na escravização de povos africanos a mão-de-obra.

Ao fazer sua revolução no final do século XVIII o povo negro da nova nação americana escolheu um nome de origem indígena para batizar o território: Haiti, “lugar montanhoso” em Arawak (SCARAMAL, 2006, p. 47). Atualmente é um pequeno país caribenho localizado na porção ocidental da ilha que divide com a República Dominicana e conta com cerca de 11 milhões de habitantes⁴. No mapa abaixo é possível identificar o Haiti em relação aos outros países da América Central:

⁴ Dados de 2020 de acordo com a Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ha.html>>. Acesso em 17 de Set de 2020.

Figura 1 - Localização do Haiti.



Disponível em <<https://www.guiageo.com/america-central.htm>>. Acesso em 12/10/2020.

Sua história é marcada pela escravidão, pela revolução e constante luta por emancipação, uma vez que, segundo Grondin (1985, p. 11) “Depois de conquistar sua liberdade, tiveram de continuar lutando para gozá-la”. Após 1804, o ano em que a independência do Haiti foi declarada, a nação viu-se endividada com a antiga metrópole e sofrendo de um bloqueio econômico. A Revolução Haitiana é um marco nas lutas emancipatórias do povo negro, mas também foi o início de uma detração articulada entre as grandes potências da época que, com medo da força revolucionária, produziram um haitianismo pautado “no sentimento de terror e de repúdio ao sujeito haitiano” (VASCONCELOS, 2016, p. 52).

Para falar da representação desse povo nos jornais do estado do Rio Grande do Sul no período que compreende o terremoto de 2010 é necessário fazer algumas observações a respeito de sua história, tendo em vista os discursos que perpetuam-se a respeito do país e de sua população desde antes da Revolução. Mesmo que nem sempre estejam explícitas a aversão e repulsa aos haitianos, é possível apontar a perpetuação das construções históricas de civilização e barbárie empregadas para definir o Haiti.

2.1 O HAITI DA REVOLUÇÃO

A mão-de-obra africana, trazida ao Caribe para substituir o indígena na caça aos metais preciosos do início da colonização espanhola, foi amplamente utilizada nas mais variadas atividades impostas pelos senhores. O regime escravista, um dos fatores responsáveis pela morte dos nativos, condicionou negros e negras a uma vida marcada pelo castigo físico, psicológico e social isso porque “O africano que fôsse (sic) desgraçado o bastante para se encontrar em algum veloz navio negreiro, rumando para o Nôvo Mundo (sic), não recebia sequer a categoria de participante ou membro da raça humana” (BARAKA, 1967, p. 12). No início do século XVI iniciou esse processo que se perpetua, em certos aspectos, até o presente.

A demanda pela mão-de-obra africana intensificou-se principalmente nos anos de 1520 e 1530 quando a atenção dos espanhóis voltou-se à produção de cana-de-açúcar. Contudo os esforços não eram o suficiente na manutenção da empreitada colonial e a descoberta de metais na área continental da América alterou os rumos tornando a Hispaniola um entreposto comercial e de abastecimento de couro e alimentos (GRONDIN, 1985). A ausência do poder espanhol despertou a cobiça dos britânicos, holandeses e franceses que passaram a reivindicar possessões. Em 1697, baseado no Tratado de Ryswick firmado em decorrência da Guerra dos Nove Anos, a porção ocidental da ilha tornou-se parte do domínio francês passando a se chamar Saint Domingue (VASCONCELOS, 2010). A busca na Europa por açúcar somado à escravidão dos negros africanos converteu a colônia francesa na Pérola das Antilhas. De acordo com Scaramal (2006, p. 18) “A partir do ano de 1670, Saint Domingue começou a funcionar como uma verdadeira colônia”. Assim, houve a intensificação do tráfico negreiro responsável pela alta lucratividade da metrópole e pela povoação do futuro Haiti.

Para colocar a prosperidade da colônia de Saint Domingue em números, no ano de 1789, início da Revolução Francesa, ela foi responsável por cerca de 11 milhões das 17 milhões de libras que a França arrecadou com relações comerciais, enquanto a Grã-Bretanha com seu comércio colonial arrecadou cerca de cinco milhões de libras (JAMES, 2010). Não somente de cana viviam as exportações da época: café, algodão, tabaco, cacau e anil eram

produtos cultivados no território pelos escravizados. A mão-de-obra responsável por produção de tamanha riqueza é posta por James (2010) nos seguintes termos:

Colocados para trabalhar como animais, os escravos eram alojados também como animais em cabanas construídas ao redor de uma praça, com provisões e frutas. O tamanho das cabanas variava de sete a oito metros, com aproximadamente quatro metros de largura por cinco de comprimento, divididas em dois ou três cômodos, separados por precárias divisórias. Não havia janelas e a luz entrava apenas pela porta. O chão era de terra batida; a cama, de palha, de peles ou apenas uma tosca rede estendida entre dois postes. Nelas dormiam indiscriminadamente a mãe, o pai e as crianças. Indefesos contra seus senhores, eles enfrentavam o trabalho excessivo, que tinha como complemento habitual uma alimentação fraca. (JAMES, 2010, p. 25)

Além das condições acima descritas, o castigo completava a rotina dos homens e mulheres propriedades do senhor. Era comum o açoite até a morte, o que não impedia outras crueldades como as marcas de ferro em brasa na pele, a queimadura com líquidos quentes e mutilações de membros (JAMES, 2010). Havia diferentes formas de resistir ao sistema escravista. A morte e a fuga representavam as principais delas. Matava-se não só o próprio corpo, mas o corpo dos filhos antes que fossem propriedade definitiva do senhor, tendo no envenenamento o método mais eficaz (JAMES, 2010). Aqueles que negavam o suicídio fugiam para as florestas. De acordo com James (2010) em 1720 haviam fugido cerca de mil escravos, e já no ano de 1751 haviam cerca de três mil deles vivendo nas montanhas. A partir da metade do século XVIII a ilha foi palco de inúmeras revoltas entre brancos, negros e mulatos sendo a de Mackandal de maior expressão e, apesar de não atingir o objetivo final que consistia no envenenamento de toda a população branca da ilha, “foi o único indício de uma tentativa de revolta organizada durante os cem anos que precederam a Revolução Francesa” (JAMES, 2010, p. 35).

A composição social de Saint Domingue, além dos escravizados e brancos ricos e empobrecidos, contava com uma parcela de negros libertos e de mulatos enriquecidos que desejavam a manutenção do sistema escravista. Essa conformação étnica caracterizou as relações, muito hostis, no período colonial e revolucionário da colônia. Para os brancos “Direitos para mulatos, hoje? Significava direitos para os escravos amanhã” (JAMES, 2010, p. 82) enquanto que

O ressentimento social dos mulatos - transporto em forma de ódio racial e de classe - estava dirigido, sobretudo, aos negros forros e aos escravos. Aos colonos brancos reservavam uma silenciosa indignação. A seus escravos e outros negros demonstravam desprezo, dirigindo-lhes injúrias e reificando

os complexos de superioridade e inferioridade racial, construídos como verdade incontestada pelo ideário ocidental. (SCARAMAL, 2006, p. 23)

Quando no final do século XVIII a população parisiense agitava as ruas naquilo de viria a ser a Revolução Francesa, os proprietários da Pérola das Antilhas, tanto brancos quanto mulatos, reivindicaram no Parlamento francês participar dos rumos da nação. Aquilo com que não contavam era o despertar definitivo dos negros para a revolta.

O haitiano, negro, destituído de sua força de trabalho e bestializado, se revolta, a liberdade já não lhe basta, quer demonstrar seu poder e o faz. A disposição invulgar do negro haitiano para a liberdade o caracteriza, ainda hoje. Oprimidos, explorados, desumanizados, coisificados, os escravos haitianos, levados a seu limite, reconheceram o momento oportuno e lançaram-se, de maneira incondicional, numa luta sem precedentes, que consagrou um Estado não menos singular, mas fundado sobre o estigma de uma Revolução, uma Revolução Negra, que significou, antes de tudo, a subversão de toda a ordem colonial. (VASCONCELOS, 2010, p. 49-50)

Apesar da população negra ser maioria, cerca de 500 mil às vésperas do início da revolução, por longos anos se estenderam as lutas pela independência que ficaram marcadas pela dicotomia dos grupos nelas envolvidos. Os cerca de 40 mil mulatos, dentre esses muitos donos de escravizados, dividam-se em grupos que apoiavam a manutenção da ordem colonial e naqueles que aproximavam-se dos ideais republicanos. Em um ponto todos concordavam: a manutenção da escravidão. Assim, a pequena Saint Domingue passou por períodos de guerra civil entre negros e mulatos, uma guerra pautada em questões étnicas e classistas (SACARAMAL, 2006).

A ofensiva francesa contou com o apoio de Espanha e Inglaterra, as duas grandes nações que possuíam colônias próximas à Pérola das Antilhas, e viam na revolta de negros e mulatos uma ameaça aos sistema escravista. Toussaint L'Ouverture, um dos líderes da Revolução Haitiana, foi responsável pela derrota das forças militares inimigas bem como na contenção dos mulatos que promoviam massacre de negros (SCARAMAL, 2006). A França tornou a atacar em 1802, sob comando de Napoleão, após Toussaint unificar a Hispaniola: era a força do povo negro manifestando-se novamente e expandindo seu alcance. Contidos pelas forças coloniais, os negros e mulatos tornaram a rebelar-se contra as atrocidades impostas por Leclerc, cunhado de Napoleão e general responsável pelo novo domínio da ilha, declarando em 1º de janeiro de 1804 a independência (NOEL, 2017). Dessalines, o novo líder depois da morte de Toussaint, comandou o povo haitiano em outras batalhas, porque, assim como seu antecessor, acreditava na unidade de Hispaniola e expulsão total dos brancos.

Os eventos aqui narrados constituem apenas uma parcela da história da Revolução Haitiana. A independência foi um processo longo iniciado em 1791, com diversos momentos, reivindicações e contradições e, mesmo depois da proclamação da primeira República negra, a luta por emancipação do povo haitiano continuou. O Haiti, além de precisar indenizar a França por sua independência, também esteve diante de um bloqueio econômico imposto pelas nações coloniais e os Estados Unidos (GRONDIN, 1985). O fator essencial para compreender o sufocamento provocado ao Estado haitiano pode ser resumido no “medo negro” que instaurou-se após a revolução porque ela “estrangeceu a Europa e a América, não só por seu triunfo, mas também devido à violência com que a pequena parcela da população branca, que restara no Haiti, fora massacrada pelos ex-escravos e mulatos vitoriosos” (FONTELLA; MEDEIROS, 2007, p. 69). Dessa forma “a Revolução representa, não só o marco fundante da nação haitiana, mas, sobretudo, dos estigmas que lhe acompanhariam” (VASCONCELOS, 2016, p. 54) dando espaço aos enfrentamentos no campo do discurso marcados pelo haitianismo e o anti-haitianismo construído no seio da burguesia colonial. Isto posto é importante definir que

o haitianismo, que pode ser entendido – em linhas gerais – como certo temor desenvolvido por parte das elites coloniais, sobretudo dos proprietários de escravos, de que o ocorrido em *Saint-Domingue* pudesse encorajar os escravos de outras localidades a se rebelar contra o sistema instituído; e o anti-haitianismo, que constitui, em um primeiro momento, um desdobramento do haitianismo, podendo ser caracterizado, também, em linhas gerais, como um mote ideológico-discursivo, detratador e estigmatizante, fundado sobre um conjunto de preconceitos históricos, culturais e raciais de origem colonial, que acaba ganhando força com o advento da Revolução, extrapolando os limites da ilha. Pode-se dizer, dessa forma, que tanto o haitianismo, quanto o anti-haitianismo, afiguram-se como desdobramentos da revolução, diferindo-se, em grande parte, pelo fato de que enquanto o haitianismo permanece ligado a ela, o anti-haitianismo avança, superando seus limites espaço-temporais. (VASCONCELOS, 2016, p. 55-56, grifos do autor)

Assim muitos esforços foram empregados na produção e divulgação de “uma literatura e uma historiografia especializadas em anunciar o horror em que a cultura haitiana estaria mergulhada” (SCARAMAL, 2006. p. 63). Seria aquele um povo de canibais, cruéis, mergulhados no caos e na barbárie, o oposto da antiga e próspera colônia francesa (GRAFENSTEIN, 2011). Um evento muito significativo em que tal discurso foi ativado à exaustão deve-se ao período da invasão militar estadunidense no Haiti iniciada em 1915 e concluída, ao menos formalmente, somente em 1934. De acordo com Vasconcelos (2016) a intervenção não esteve somente nos âmbitos político e econômico, mas evidenciou os

discursos anti-haitianistas da incapacidade do povo negro de governar-se, bem como, da narrativa civilizatória, imperialista e, portanto, racista, empregada pelos Estados Unidos na tentativa de justificar a dominação do Haiti.

Mesmo depois de 1934 o governo estadunidense deu sequência nas suas intervenções por meio de apoio financeiro e militar, especialmente na ditadura de François Duvalier (1957-1971). Papa Doc, como era popularmente chamado, foi um médico e intelectual haitiano alçado ao poder com o respaldo da burguesia nacional e voto popular. Apesar do discurso populista, das defesas do povo negro, do vodu e do creolé, Duvalier implementou um governo de terror, perseguição aos opositores, tortura, assassinato e submissão haitiana aos interesses estadunidenses⁵, além de ter dado continuidade na pobreza vivida por grande parte dos haitianos (GRONDIN, 1985). Com sua morte em 1971 assume o filho, Jean Claude, que governou até 1986 momento em que a ditadura encontra seu limite. Os anos de Baby Doc no poder ficaram marcados pela inaptidão política e forte apoio dos Estados Unidos, logo revertido em afastamento diante das inúmeras acusações internacionais de violação dos direitos humanos no Haiti (VASCONCELOS, 2016).

Tantos anos de violência vividos pelos haitianos não ficaram sem resposta fossem elas vindas da elite intelectual, política e mesmo das massas insatisfeitas com a condição imposta pela burguesia nacional. Um evento simbólico dessa reação é narrado por Scaramal (2006):

Nesse dia [7 de janeiro de 1986] o país se encontrava, novamente, sob estado de sítio. Mesmo assim, 40 mil manifestantes saíram às ruas e empreenderam uma verdadeira caça aos *Tonton Macoutes* [milícia popular criada na ditadura de François Duvalier]. O presidente hereditário Jean Claude Duvalier fugia do país em um avião da Força Aérea Americana. Manifestantes arrancaram a estátua de Cristóvão Colombo de uma praça em Porto Príncipe e a atiraram ao mar bradando: “Que volte para o lugar de onde veio.” (SCARAMAL, 2006, p. 82, grifo da autora)

A instabilidade vivida no Haiti após a queda de Baby Doc transformou-se em mais um argumento apropriado por anti-haitianistas e que fez eco por toda a década de 1990 até a posterior deposição do presidente Jean Bertrand Aristides em 2004 que deu espaço à nova intervenção militar comandada pelo Brasil sob bandeira da Organização das Nações Unidas (ONU).

⁵ Importante ressaltar a geopolítica internacional da época que estava dividida entre o capitalismo representado pelos Estados Unidos e o socialismo representado pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). De acordo com Grondin (1985, p. 46) a Revolução Cubana (1959) acirrou as disputas na região levando os EUA a ampliarem “sua vigilância sobre os países da América Central”.

2.2 O HAITI DAS INTERVENÇÕES DA ONU

Entre a fuga de Jean Claude Duvalier em 1986 e a posse presidencial de Jean Bertrand Aristides em 1991 houve cinco governos no Haiti, sendo três deles militares. *Titid*, como ficou conhecido pela população, é um ex-padre católico com uma tumultuada vida política. Iniciou sua trajetória nos púlpitos ao criticar a ditadura da família Duvalier sendo por isso expulso da ordem dos Salesianos em 1988. Nas palavras de Vasconcelos (2016, p. 81) Aristides era “dotado de um espírito combativo e uma retórica singular” e não tardou em conseguir apoio popular e chamar a atenção das forças internas e externas, principalmente as opositoras. O surgimento de seu partido, o *Lavalas*, representou uma tentativa de mobilização voltada à construção de um projeto nacional no respiro democrático em que o Haiti encontrava-se, mas que não foi levado adiante em virtude dos golpes e intervenções da ONU⁶ (ROSA, 2010).

O discurso de combate às elites, aos militares e às imposições estrangeiras no país, aqui representadas pelos EUA e França, contribuíram na eleição de *Titid* que recebeu 67% dos votos (VASCONCELOS, 2016). Apesar disso, sua figura é permeada por polêmicas. Com o passar da década de 1990 Aristides toma formas muito características dos presidentes que governaram o Haiti: afastou-se dos ideais progressistas defendidos no início da atuação política e aproximou-se da corrupção e violência que denunciava no governo Duvalier (TOKATLIAN, 2005). A nova configuração política resultou no afastamento de aliados e acirramento da oposição, representada principalmente pelos ex-militares oriundos da dissolução das Forças Armadas do Haiti feita por Aristides em 1995.

Mesmo depois de cinco anos desde o fim da Ditadura Duvalier as marcas deixadas na sociedade haitiana pela família permaneceram. A mais evidente delas consistia na milícia criada em 1959 no governo de Papa Doc, chamada de *Tonton Macoutes*, a qual manteve influência inclusive como articuladora de golpes visando a retirada de Aristides da presidência. Em fevereiro de 1991, o antigo líder do grupo, Roger Lafontant, organizou uma

⁶ Missão das Nações Unidas no Haiti - UNMIH (1993-1996); Missão de Apoio das Nações Unidas no Haiti - UNSMIH (1996-1997); Missão das Nações Unidas de Transição no Haiti - UNTIMH (1997); Missão de Polícia Civil das Nações Unidas no Haiti - MIPONUH (1997-2000); Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti - MINUSTAH (2004-2017) e Missão das Nações Unidas de Apoio à Justiça no Haiti - MINUJUSTH (2017-presente).

tentativa, porém não atingiu resultado sobretudo pelo apoio das massas ao presidente e pouca adesão das Forças Armadas (VASCONCELOS, 2016).

Meses depois, em setembro, Raoul Cedras, então Comandante das Forças Armadas, protagonizou a retirada de Aristides do poder implementando um novo governo ditatorial que nos primeiros dias assassinou cerca de 500 pessoas (SEITENFUS, 1994). Por conta do golpe aproximadamente 46 mil haitianos, somente pelo mar na condição de *boat people*⁷, foram interceptados pelo governo estadunidense e direcionados à detenção de Guantánamo em Cuba (JOSEPH, 2017). Em 1994, os Estados Unidos coordenam a retomada de Aristides ao cargo pautados pelo discurso democrático e interesses econômicos no Haiti, dentre eles a problemática situação dos *boat people* (VASCONCELOS, 2016). O preço pelo apoio estadunidense custou mais uma parcela da autonomia do país e significou maiores percalços a serem enfrentados pela população pobre. Uma das políticas neoliberais impostas pelos EUA estabeleceu-se em 1995 por meio do acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) na redução de tarifas sobre arroz importado, de 35% para 3%, ação responsável pelo declínio da produção interna⁸ (LOUIDOR, 2013).

Em 1996 assume o cargo René Préval, político do *Lavalas*, primeiro presidente haitiano eleito a finalizar o mandato. Em 2001, *Titid* retorna ao posto presidencial por meio de eleição acusada de fraude por opositores e o deixa, novamente, em 2004, por consequência de um golpe. Portanto

No final de 2000, a polarização da política e a violência daí advinda tornam cada vez mais crítico o cotidiano da população. Aristides, que surgira no final da década de 1980 como um messias, um ícone da esperança, da mudança, torna-se, pouco mais de uma década depois, o principal embaraço para o Estado e para o povo haitiano. (VASCONCELOS, 2010, p. 72)

Assim, o início do novo século marcou o Haiti com o discurso da desordem e violência, essencialmente fomentado pelos países caribenhos vizinhos e os Estados Unidos.

⁷ Boat people (balseiros) é um termo que designa os migrantes que vão ao mar em pequenas embarcações com objetivo de alcançar a costa de países vizinhos. De acordo com Joseph (2017) o auge do fluxo migratório haitianos ocorreu entre 1977 a 1981 (Ditadura Duvalier) quando cerca de 50 mil a 70 mil haitianos chegaram na costa da Flórida (EUA). Houve um aumento significativo desse modelo de migração em decorrência do golpe de 1991 quando instaurou-se novamente a instabilidade política acompanhada da pobreza e violência contra a população (SCARAMAL, 2006).

⁸ Com a crise do capitalismo em 2008 e o aumento nos preços dos cereais a situação alimentar no Haiti agravou-se, provocando inúmeras revoltas contra o governo. Com objetivo de neutralizar as manifestações o então presidente René Préval solicitou ajuda dos Estados Unidos e Banco Mundial que fizeram doação de alimentos contabilizados em cerca de 30 milhões de dólares, além de aumentar o contingente militar da MINUSTAH (VAZ, 2015).

Não tardaria que a ONU interviesse de algum modo no país e assim o fez em 2004. A Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH) foi a resposta frente às instabilidades econômica, política e social do país bem como mais uma das inúmeras intervenções promovidas pela comunidade internacional que, até o momento, pouco havia contribuído na melhoria da situação haitiana (VASCONCELOS, 2010). Inicialmente a Missão ocorreria no prazo de seis meses, contando com participação militar e civil com objetivos na manutenção da segurança de modo a promover a governabilidade e democracia, além de zelar pela garantia dos direitos humanos da população (VASCONCELOS, 2010). Contudo, de acordo com Tokatlian (2005), a missão foi mais um impulso de nações, em geral latino americanas lideradas pelo Brasil, de fazer algo sobre o Haiti sem haver planejamento ou evidenciar as reais intenções com uma nova invasão.

Encerrada somente em 2017, a MINUSTAH sofreu inúmeras críticas de diversos setores da sociedade internacional principalmente de Organizações Não Governamentais (ONGs) que atuaram no Haiti no mesmo período. O relatório intitulado *Mantendo a Paz no Haiti?*, redigido por Cavallaro (2005) após oito meses da atuação da ONU, denuncia as falhas e a incapacidade dos capacetes azuis⁹ em impactar de modo positivo o país:

o Haiti é tão inseguro quanto sempre foi. A MINUSTAH falhou até mesmo em implementar um compreensivo programa para o desarmamento, deixando vastas áreas do país efetivamente governadas por grupos ilegais que possuem armas e outros tipos de armamentos. Fatalidades entre civis continuam comuns nas favelas de Porto Príncipe, onde gangues levam a cabo combates urbanos de baixa intensidade diariamente. Vastas extensões do interior do país permanecem sob o controle dos ex-militares, historicamente a principal força doméstica por trás de golpes de estado e entre os maiores violadores de direitos humanos. (CAVALLARO, 2005, p. 1)

Soma-se a isso as relações da MINUSTAH com a Polícia Nacional Haitiana (PNH) que, segundo Cavallaro (2005), estavam pautadas na corrupção e na similaridade ao lidar com a população residente nas periferias de Porto Príncipe: violação dos direitos humanos e perpetuação do terror. É relevante destacar que treinar a PNH fazia parte das ações estabelecidas no mandato da ONU, além de “implementar serviços públicos básicos, principalmente nas áreas de engenharia rodoviária, habitação e saneamento” (VAZ, 2015, p. 94). Vasconcelos (2016, p. 99), que esteve presente no país a serviço da MINUSTAH de abril a novembro de 2012, aponta que “Ao fim de dez anos de ocupação o cenário haitiano não conheceu quaisquer avanços substanciais. Para além dos discursos, muito pouco se fez. A

⁹ Denominação dos militares a serviço das Nações Unidas.

estabilidade, um dos motes que orientaram e justificaram a intervenção, se foi alcançada, o foi precariamente.”

Já Vaz (2015, p. 101) assinala os inúmeros fenômenos naturais e a crise de 2008 como fatores que abalaram as conquistas da Missão e dificultaram a estabilização do Haiti visto que “os acontecimentos dificultaram a restauração da confiança da população no governo, uma vez que praticamente todo o auxílio humanitário foi prestado pela ONU e pelas inúmeras ONGs que atuam no país”. Apesar disso, parte da sociedade haitiana esteve ativa nas manifestações que exigiam a saída das tropas militares das Nações Unidas por conta das violações dos direitos humanos e da repressão de manifestações de grupos sociais camponeses, operários e feministas (LOUDOR, 2013). O terremoto de 2010, o de maior proporção em 200 anos, colocou ainda mais dúvidas sobre a capacidade da MINUSTAH em criar meios de governabilidade e auxílio humanitário aos haitianos.

Em 12 de janeiro de 2010, por volta das 17 horas, um terremoto de 7 pontos na escala Richter atingiu a região da capital do Haiti, Porto Príncipe, causando a destruição de inúmeros prédios que soterraram milhares de pessoas. A rede de comunicação ficou igualmente comprometida, dificultando o contato via celular, rádio e internet. O tremor foi sentido em outros locais do país e até mesmo por nações vizinhas, em especial a República Dominicana. Omar Ribeiro Thomaz (2010), antropólogo brasileiro e testemunha do sismo, relatou as experiências vividas nos dias que seguiram:

Não vimos nenhum carro, nem civil, nem militar, das Nações Unidas. Não víamos nem escutávamos ambulâncias (hoje vejo que só nós [brasileiros] esperávamos ouvir ambulâncias). Não passou nenhum carro para recolher os corpos que se acumulavam pelas ruas.

Afinal, onde está a Minustah? — perguntávamos. Os haitianos pareciam saber: parece ser que todo o efetivo militar da Minustah se concentrava no trabalho de salvar os membros da ONU no Hotel Cristophe. Cerca de 6 mil efetivos militares. Uma minoria estava trabalhando no Montana. A ONU ajuda a ONU, os haitianos ajudam os haitianos. (THOMAZ, 2010, p. 26)

Mais de 300 mil pessoas morreram e 1 milhão e 500 mil ficaram desabrigadas. No meio da poeira e dos escombros as equipes de reportagem registraram o ocorrido de forma dramática, exibindo rostos de sofrimento e confusão (OLIVEIRA, 2014). A narrativa da desordem e violência, características fundantes do Haiti de acordo com o discurso hegemônico, lotaram capas de jornais, revistas e sites eletrônicos que “afora a espetacularização, buscavam — impassíveis — apresentar justificativas e culpabilizar o povo

haitiano pelo funesto acontecimento, empregando, para isso, os mais absurdos e ignominiosos argumentos” (VASCONCELOS, 2016, p. 91).

Curiosamente, tão logo o sismo fez sentir-se no país, as nações do centro do capitalismo discutiam sua reconstrução, não sem antes enviar mais tropas militares de modo a conter a instabilidade causada pelo terremoto. Passados dois dias os EUA enviaram cerca de 20 mil *marines*¹⁰ à costa do Haiti em 165 barcos, sendo somente um deles equipado para atender os feridos (JERÔME, 2013). O que para o Haiti foi uma tragédia, ao Banco Mundial, Banco Internacional de Desenvolvimento (BID), Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) e outros países e instituições doadoras foi uma oportunidade. Dos bilhões de dólares enviados ao Haiti por esses grupos apenas uma pequena parte destinou-se à resolver os problemas dos mais atingidos (VASCONCELOS, 2016). Ademais, a dívida externa que mantém fragilizada a soberania do Estado haitiano retornou à pauta dos movimentos sociais nacionais e internacionais exigindo a anulação do montante, que em 2010 ficou avaliado em 890 milhões de dólares, bem como a “reparação da dívida histórica, social e ecológica para com o país caribenho” (LOUIDOR, 2013, p. 25).

Neste capítulo buscamos explicar momentos cruciais a respeito da história haitiana, da colonização ao século XXI, com objetivo de instrumentalizar a análise de conteúdo dos jornais selecionados para a pesquisa. Dessa forma, as páginas que seguem serão dedicadas a identificar as narrativas construídas pelas lentes do *Correio do Povo*, *Correio Riograndense* e *Pioneiro* sobre o Haiti e sua população no contexto do terremoto de janeiro de 2010.

¹⁰ Corpo de fuzileiros navais dos Estados Unidos.

3 NARRATIVAS DO HAITI E DOS HAITIANOS NO CONTEXTO DO TERREMOTO DE 2010 EM JORNAIS SUL-RIOGRANDENSES

“Tampouco aceitaremos que a ajuda aos países subdesenvolvidos seja um programa de ‘irmãs de caridade’. Essa ajuda deve ser a consagração de uma dupla tomada de consciência, tomada de consciência pelos colonizados de que isso lhes é devido e pelas potências capitalistas de que efetivamente elas devem pagar.”

Frantz Fanon

“O Haiti assombra: Terremoto destrói, mata dezena de milhares de pessoas e atrai os olhos do mundo para a pobre Porto Príncipe”¹¹. Esta é a chamada do dia 14 de janeiro de 2010 na capa do jornal *Pioneiro* em sua primeira matéria retratando o terremoto ocorrido dois dias antes. A fotografia (figura 2) que acompanha a manchete é o destaque da página. Nela estão, sobre um fundo preto, um homem com olhar distante e uma criança em seu colo que olha fixamente em direção à câmera. Não é possível ver a destruição física do terremoto: não há prédios arruinados, não há pessoas soterradas pelo concreto. Há apenas um vazio protagonizado por dois sujeitos. Apesar disso, de acordo com o jornal, o Haiti assombra. Mas quem ele assombra e por quê?

¹¹ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 14 de janeiro de 2010, p. 1.

Figura 2 - Haitiano segura criança no colo. Porto Príncipe, Haiti, janeiro de 2010.



Fonte: Matt Marek, *Pioneiro*.

Como o terremoto é narrado pelos jornais sul-riograndenses, representados aqui pelo *Correio do Povo*, *Correio Riograndense*, e *Pioneiro*, e qual narrativa cada um deles traz a respeito dos haitianos e de seu país é o principal objetivo da pesquisa. Por se tratar de uma fonte inserida em determinado contexto histórico, os periódicos carregam características distintas, mas também se aproximam em determinados aspectos. Dessa forma conhecer o lugar de produção de cada um deles é essencial para compreender os textos e fotografias que veiculam em suas páginas.

Apenas para começar, lembremos que o emissor de um discurso nunca é somente o seu autor nominal, mas também a sociedade na qual ele se inscreve, a sua posição social, os constrangimentos aos quais ele está submetido, e tantas outras coisas que fazem do autor nominal apenas a ponta de um imenso iceberg. Chamaremos a este complexo conjunto que se esconde por trás do autor de um texto de “lugar de produção”. (BARROS, 2012, p. 419)

A análise temática de conteúdo, metodologia empregada na atual pesquisa, busca explorar tais discursos atentando para as presenças e ausências, semelhanças e diferenças de cada jornal selecionado, logo “trata-se de um método essencialmente comparativo, combinando análises quantitativas e qualitativas” (ZICMAN, 1985, p. 95). Dito isso, o

presente capítulo analisará as matérias veiculadas nos periódicos considerando, em primeira instância, seu lugar de produção para posteriores considerações a respeito da narrativa que constróem do Haiti e dos haitianos no contexto do terremoto de janeiro de 2010.

3.1 O TERREMOTO NAS PÁGINAS DO *CORREIO DO POVO*

Fundado em Porto Alegre no dia 1º de outubro de 1895 por Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior, jornalista e empresário nascido em Sergipe, o jornal *Correio do Povo* surgiu com a proposta de ser apartidário e, por isso, teoricamente, neutro (SILVA, 2016). A forte oposição entre federalistas e republicanos marcou o contexto de sua primeira publicação que, diferente dos outros periódicos, buscava promover um jornalismo informativo, afastando-se da “concepção de que a natureza do jornalismo é fundamentalmente opinativa, que caberia a ele dirigir a opinião pública” (SILVA, 2016, p. 22). Outro fator relevante para compreender o alcance do *Correio do Povo* no estado do Rio Grande do Sul foi seu forte caráter mercadológico marcado pelas transformações capitalistas no final do século XIX, ou seja, concebido como mercadoria o jornal devia ser consumido pela maior quantidade possível de pessoas (MARCILIO, 2018).

Inicialmente seu principal público eram estancieiros e outros proprietários, mas com o avanço do capitalismo e suas implicações culturais, principalmente a partir de 1930, a classe média somou-se ao grupo de leitores do *Correio do Povo*. A tomada do poder por Getúlio Vargas explicitou que a neutralidade estava longe dos textos publicados no periódico, isto porque “As transformações ocorridas no jornalismo não retiraram de cena a natureza política do seu fazer. Mas garantiram uma mudança na forma de fazê-lo” (SILVA, 2016, p. 24). Dessa forma, o jornal definiu sua linha editorial com as propostas do então presidente da República, prática esta marcante nas décadas seguintes em especial durante a ditadura civil militar de 1964¹². A família Caldas, de acordo com Silva (2016, p. 25), “sempre exerceu grande influência nos espaços que conviveu. Tornando difícil afastar seus interesses enquanto produtor rural e proprietário de terras juntamente com a função de direção dos rumos do periódico”. Dito isso, os interesses expressos no *Correio do Povo* eram interesses de classe, neste caso a burguesa, que alinhava-se a um governo militar e conservador, anticomunista e

¹² Em sua dissertação *O jornal Correio do Povo, ação política e intelectual: uma análise do ano de 1964*, Silva (2016) aborda em maiores detalhes a relação da família Caldas com os militares que governaram de forma autoritária o país no período de 1964 à 1985.

cristão. Na década de 1970 a empresa Caldas Júnior atingiu o ápice, sendo hegemônica no ramo jornalístico do Rio Grande do Sul e “constituindo espaços de valorização e de silenciamentos” (MARCILIO, 2018, p. 114).

Contudo, a década que o tornou hegemônico também o levou à crise: os problemas econômicos do Brasil oriundos da política liberal adotada pelos militares e a dívida contraída pela empresa Caldas Júnior na construção da TV Guaíba impactaram a produção do jornal. Em 1984 o *Correio do Povo* deixou de circular retornando apenas em 1986 presidido por Renato Bastos Ribeiro. Anos depois, em 2007, o Grupo Record¹³ comprou o periódico o qual ganhou, em 2009, um site no qual são veiculadas reportagens “produzidas pensando nas possibilidades de abordagem rápida e dinâmica que o site oferece e em um sistema integrado com ele, o que facilita na agilidade”¹⁴. De acordo com o próprio jornal¹⁵, o número de acessos ao formato online cresceu nos últimos anos tendo em 2019 cerca de 17,6 milhões de usuários.

A escolha por utilizar notícias veiculadas no site do *Correio do Povo* provém tanto de questões logísticas de acesso ao jornal¹⁶ quanto às características próprias do formato online, sendo uma delas a agilidade na disseminação de informações e repercussão na internet. Assim, tão logo houve o registro do terremoto de 12 de janeiro no Haiti o site publicava a primeira notícia sobre o assunto, precisamente 16 minutos após o tremor ser detectado:

De acordo com informações do Serviço Geológico dos Estados Unidos, um terremoto de 7,3 graus na escala Richter atingiu o Haiti nesta terça-feira. Os sismógrafos detectaram o tremor às 19h53min (hora de Brasília). Minutos depois, outros dois terremotos menores (5,9 e 5,5 graus) atingiram o país.¹⁷

A notícia carece de maiores detalhes sobre o impacto do terremoto no país, algo que pode ser atribuído à hora de sua publicação. Apesar disso, um trecho do pronunciamento do então presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, é destaque do texto: “Nós estamos monitorando de perto a situação e estamos prontos para ajudar o povo do Haiti”¹⁸. A Missão da ONU é brevemente mencionada.

¹³ Fundada por Paulo Machado de Carvalho em 1953, a Record TV foi comprada na década de 1990 por Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus.

¹⁴ *Correio do Povo*. Porto Alegre, 01 de outubro de 2019. Disponível em: <<https://www.correiodopovo.com.br/especial/hist%C3%B3rico-inovador-e-humano-1.369323>>. Acesso em: 24 de outubro de 2020.

¹⁵ *Ibidem*.

¹⁶ No site do *Correio do Povo* é possível, por exemplo, fazer busca por termos e datas.

¹⁷ *Correio do Povo*. Porto Alegre, 12 de janeiro de 2010. Disponível em : <<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/mundo/terremoto-no-haiti-gera-alerta-para-tsunami-1.13250>>. Acesso em: 24 de outubro de 2020.

¹⁸ *Ibidem*.

No decorrer da noite do dia 12 de janeiro outras dez notícias foram publicadas pelo *Correio do Povo*, duas abordam a capacidade do país em atender a população atingida. A primeira delas, “Haiti afirma que está preparado para socorrer as vítimas”¹⁹, traz o comunicado de Juan Manuel Mendez, diretor do Centro de Operações de Emergência do país, no qual afirmava que “Estamos fazendo um alerta preventivo e pedindo para a população ter calma. As Forças Armadas e a Defesa Civil estão a postos e prontas para ajudar”. Somente essas duas frases de Mendez são transcritas na matéria que conta com cinco parágrafos curtos. Já a segunda, “Haiti está nas mãos da ajuda internacional, diz jornalista”²⁰, relata as experiências de Kaiser Konrad nas suas passagens pelo país caribenho: “o Haiti deve estar devastado com o terremoto superior a 7 graus na escala Richter. Segundo ele, ‘a infra-estrutura do país é mínima’, incapaz de ter como se recuperar sozinho dessa grande tragédia, necessitando de ajuda internacional”. No parágrafo seguinte, Konrad ainda afirma que “As ruas não tem calçamento, não tem tratamento de água, não existe água potável no país. Não existe rede de energia elétrica, então vai ser muito difícil se iniciar um processo de resgate das vítimas. Ele está nas mãos da ajuda internacional”²¹.

A primeira leitura possível ao comparar as duas notícias é de que o jornal *Correio do Povo* mantém uma suposta neutralidade jornalística, afinal ele estaria abordando dois aspectos de um mesmo tópico concernente ao terremoto, a capacidade do Haiti em lidar com a destruição do país e de socorrer a população atingida. Contudo, o espaço dedicado à fala de cada um dos sujeitos, Mendez e Konrad, além de distinta em proporção textual dá o tom adotado pelo jornal nos dias que se seguiram ao primeiro tremor: a de que o Haiti, incapaz de lidar com os próprios problemas, só poderia reerguer-se com o apoio internacional, militar em sua maioria. Dessa forma, das 412 matérias publicadas entre 12 de janeiro e 12 de fevereiro de 2010 no site do *Correio do Povo*, mais de 140 apresentam a ajuda internacional como tópico central. Um exemplo interessante é “Brasileiros ajudam nas buscas a sobreviventes no Haiti, diz filha de militar”²² publicada no dia 13 de janeiro na qual a filha de um sargento

¹⁹ *Correio do Povo*. Porto Alegre, 12 de janeiro de 2010. Disponível em : <<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/mundo/haiti-afirma-que-est%C3%A1-preparado-para-so-correr-as-v%C3%ADtimas-1.13264>>. Acesso em: 24 de outubro de 2020.

²⁰ *Correio do Povo*. Porto Alegre, 13 de janeiro de 2010. Disponível em : <<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/mundo/haiti-est%C3%A1-nas-m%C3%A3os-da-ajuda-internacional-diz-jornalista-1.13266>>. Acesso em: 24 de outubro de 2020.

²¹ *Ibidem*.

²² *Correio do Povo*. Porto Alegre, 13 de janeiro de 2010. Disponível em : <<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/mundo/brasileiros-ajudam-nas-buscas-a-sobreviventes-no-haiti-diz-filha-de-militar-1.13335>>. Acesso em: 24 de outubro de 2020.

afirma, por meio de informações do pai, que todos na base estão bem e procuram por sobreviventes. Ainda de acordo com ela “O Haiti é muito pobre e os brasileiros foram para lá para ajudar na reconstrução do país. Muito do que reergueram, como igrejas, creches e escolas, foi destruído. Agora, vão ter que começar tudo de novo”²³. O contraponto a essas declarações fica a cargo do antropólogo Omar Ribeiro Thomaz (2010), testemunha ocular do terremoto, ao descrever os acontecimentos do dia 14 de janeiro

Grupos de homens se organizavam em brigadas, escoteiros impecáveis transitavam ajudando feridos, jovens vestidos com camisetas da mesma cor trabalhavam nos escombros e coletavam lixo. [...] *Não há nenhuma presença nem da ONU, nem de nenhuma organização internacional*. Os brancos desapareceram da cidade. Somos os únicos brancos, para além de alguns carros que passavam a toda velocidade com alguns jornalistas e fotógrafos. (THOMAZ, 2010, p. 27, grifo do autor)

E, de fato, a real ajuda externa que parte da população haitiana recebeu só iniciou quatro dias após o terremoto, ou seja, no dia 16 de janeiro de 2010 como noticiou o *Correio do Povo* na matéria “Começa a distribuição de comida e água no Haiti”²⁴. A MINUSTAH, em parceria com os Estados Unidos, distribuiu cerca de 180 mil refeições prontas às pessoas que se encontravam próximas ao Palácio Nacional destruído pelos tremores. Neste meio tempo o jornal noticiou o desespero, a violência e a morte de maneira intensa. Um exemplo bastante forte é a reportagem do dia 14 de janeiro, “Militares relatam corpos na rua e saques no Haiti”²⁵, na qual a fotografia de um homem sem vida por conta do desabamento de um prédio estampa o topo da página.

²³ Ibidem.

²⁴ *Correio do Povo*. Porto Alegre, 16 de janeiro de 2010. Disponível em : <<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/mundo/come%C3%A7a-a-distribui%C3%A7%C3%A3o-de-comida-e-%C3%A1gua-no-haiti-1.13764>>. Acesso em: 24 de outubro de 2020.

²⁵ *Correio do Povo*. Porto Alegre, 14 de janeiro de 2010. Disponível em : <<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/mundo/militares-relatam-corpos-na-rua-e-saques-no-haiti-1.13448>>. Acesso em: 24 de outubro de 2020.

Figura 3 - Homem sob escombros. Porto Príncipe, Haiti, janeiro de 2010.



Fonte: Juan Barreto, *Correio do Povo*.

Segundo Thomaz (2010, p. 28), apesar dos anúncios da ajuda internacional, nos dias seguintes ao sismo não era possível ver a ONU, apenas ouvir os helicópteros e “Havia saques, sim. Mas não eram as gangues: eram pais de família, homens, mulheres e crianças que entravam nos supermercados destruídos”.

Outra matéria que merece destaque é intitulada “Caos provoca atraso na entrega da ajuda aos haitianos”²⁶ seguida do subtítulo “‘Dizem que o governo está recebendo milhões, mas nós não vimos nada’, relata uma haitiana”. Publicada em 17 de janeiro, essa é uma exceção do jornal ao considerar o relato dos próprios haitianos. Nas palavras do redator do texto a ajuda internacional “chega a conta-gotas”²⁷ gerando, portanto, o sentimento de abandono na população de áreas mais pobres como é o caso de Cité Soleil. Apesar disso, a matéria logo volta sua atenção aos casos de saques e tiroteios que ocorrem “diante da impotência da polícia, que tem ordens para não abrir fogo”²⁸. A narrativa de caos e violência presente neste texto vai ao encontro da reportagem “Haiti ignora lições de tragédia do tsunami de 2004”²⁹ publicada no dia 11 de fevereiro de 2010 na qual declara-se que

O primeiro erro no Haiti foi cometido antes mesmo da tragédia. Segundo especialistas, as construções precárias não ofereciam nem resistência nem maleabilidade para suportar desastres naturais - algo compreensível num país

²⁶ *Correio do Povo*. Porto Alegre, 17 de janeiro de 2010. Disponível em : <<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/mundo/caos-provoca-atraso-na-entrega-da-ajuda-aos-haitianos-1.13812>>. Acesso em: 24 de outubro de 2020.

²⁷ *Ibidem*.

²⁸ *Ibidem*.

²⁹ *Correio do Povo*. Porto Alegre, 11 de fevereiro de 2010. Disponível em : <<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/mundo/haiti-ignora-li%C3%A7%C3%B5es-de-trag%C3%A9dia-do-tsunami-de-2004-1.16706>>. Acesso em: 24 de outubro de 2020.

miserável, mas que explica, em parte, porque há mais vítimas em terremotos de mesma magnitude em nações pobres do que em ricas.³⁰

Nos parágrafos seguintes é mencionado o caso da Indonésia que, após o Tsunami de 2004, reconstruiu casas com planejamento para suportar fenômenos naturais de tal magnitude. A origem da pobreza haitiana em nenhum momento é apontada ou ao menos discutida, pelo contrário, o país é colocado no banco de réus e julgado pela atuação (ou a falta dela) na contenção de catástrofes naturais levando, conseqüentemente, “o leitor a concluir que, ao fim das contas, o maior problema do Haiti são os próprios haitianos” (VASCONCELOS, 2010, p. 115-116). Outro pronunciamento que reverbera tal ideia foi feito pelo reverendo norte-americano Pat Robertson, noticiado pelo *Correio do Povo* no dia 14 de janeiro, no qual “Em comentário na última quarta-feira [13 de janeiro], ele disse que os haitianos fizeram um pacto com o Diabo para se libertarem do poder da França e agora estariam sendo castigados”³¹. Na matéria é explanada a defesa que o canal CBN fez ao reverendo:

Robertson estaria falando sobre a história do Haiti, onde muitas pessoas e religiosos acreditam que o país seja amaldiçoado. “Dr. Robertson nunca declarou que o terremoto seria punição de Deus”, aponta a declaração. “Se o vídeo inteiro for visto, ficará clara a compaixão do Dr. Robertson pelo povo do Haiti.”³²

A culpabilização que recai sobre a população em momentos como o do terremoto de 2010 provém dos discursos construídos no período da Revolução Haitiana no qual “Ao dar-se conta de impossibilidade de manter seu domínio nos países coloniais, a burguesia resolve iniciar um combate de retaguarda no terreno da cultura, dos valores (sic), das técnicas etc” (FANON, 1968, p. 33). Essas narrativas são, por princípio, racistas e carregam forte preconceito religioso, uma vez que o vodu, prática essencial na emancipação do Haiti e na cultura haitiana, é retratado como uma religião de negros que só conseguiram a libertação ao fazer o “pacto com o Diabo”. O castigo dos haitianos para tal afronta ao Deus e ao homem branco europeu são a miséria e as catástrofes. Mergulhados na pobreza, nas ditaduras e na violência eles precisam de ajuda das grandes nações, curiosamente as mesmas que o empurraram à tal condição. No dia 14 de janeiro, mesmo dia da publicação sobre o reverendo

³⁰ Ibidem.

³¹ *Correio do Povo*. Porto Alegre, 14 de janeiro de 2010. Disponível em : <<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/mundo/terremoto-no-haiti-teria-sido-castigo-diz-reverendo-1.13509>>. Acesso em: 24 de outubro de 2020.

³² Ibidem.

Pat Robertson, “Rumo ao Inferno”³³ foi o título escolhido pelo *Correio do Povo* para noticiar a ida de médicos e bombeiros brasileiros ao Haiti. O texto conta apenas com dois breves parágrafos detalhando a operação, bem como uma fotografia do embarque.

Figura 4 - Embarque de médicos e bombeiros em Brasília, Distrito Federal, janeiro de 2010.



Fonte: Fábio Rodrigues Pozzebom, *Correio do Povo*.

Quando colocadas em comparação, a fotografia do haitiano morto (figura 3) ilustra um cenário atroz, aterrador, enquanto a do embarque dos brasileiros (figura 4) algo apaziguado, ordenado. Ainda no dia 14 de janeiro houve a publicação da notícia “Cheiro de urina e escombros tomam conta da capital do Haiti”³⁴ na qual são descritas cenas de Porto Príncipe:

A capital do Haiti virou um gigantesco campo de refugiados, onde milhares de flagelados gritam ao mundo pedindo água, comida e medicamentos. Sujos, feridos e desesperados, os haitianos improvisaram toldos com pedaços de tecido para se proteger e olham insistentemente para o céu à espera de aviões que venham socorrê-los e ajudá-los a começar do zero.³⁵

Ao longo da matéria, falas de haitianos demonstrar a gravidade e as proporções do terremoto, o sofrimento, a desesperança e o desânimo:

Com a ajuda de seus irmãos, o jovem estudante de 21 anos saqueou um supermercado para conseguir arroz e água e está racionando as porções com

³³ *Correio do Povo*. Porto Alegre, 14 de janeiro de 2010. Disponível em : <<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/mundo/rumo-ao-inferno-1.13524>>. Acesso em: 24 de outubro de 2020.

³⁴ *Correio do Povo*. Porto Alegre, 14 de janeiro de 2010. Disponível em : <<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/mundo/cheiro-de-urina-e-escombros-tomam-conta-da-capital-do-haiti-1.13462>>. Acesso em: 24 de outubro de 2020.

³⁵ *Ibidem*.

muito cuidado, ante o olhar desesperado de outras famílias, que não têm o que comer.

O funcionário público Clement disse que "em mais de 24 horas, ninguém, nem a ONU nem nenhuma autoridade, concedeu ajuda como oferecer um copo d'água".³⁶

Tais trechos reafirmam a posição do Haiti naquilo que a mídia hegemônica chama de país mais pobre da América. Porém, assim como nas demais matérias aqui analisadas, não há discussão sobre a origem de tamanha miséria e sofrimento. O passado colonial, escravista, de guerras e de intervenções militares não é abordado pelo jornal. Tais lacunas não representam um esquecimento, mas sim uma escolha editorial bem definida.

Mesmo que na maioria das vezes não tenha demonstrado explicitamente opiniões sobre o Haiti e sua população, ao escolher as notícias que veicula o jornal *Correio do Povo* constrói sua narrativa. Caos, violência e insegurança são conceitos recorrentes nas mais de 400 matérias publicadas entre 12 de janeiro e 12 de fevereiro de 2010 das quais cerca de 35 apresentam os termos nos títulos. A quantidade de publicações foi paulatinamente diminuída. De 12 de fevereiro à 12 de março de 2010, por exemplo, houve apenas 23 publicações sobre o Haiti. Além de ser proporcionalmente maior a quantidade de notícias sobre recursos que o país estava recebendo, naquelas em que são descritas as situações de pobreza e abandono que enfrentam os haitianos utiliza-se o cenário de modo a justificar a permanência no país de organizações como a ONU. O Haiti é, pela ótica do jornal, um país falido e os haitianos seres abandonados e incapazes vagando por escombros.

3.2 O TERREMOTO NAS PÁGINAS DO *CORREIO RIOGRANDENSE*

Em 1909 era fundado por Dom Carmine Fasulo, membro da Ordem dos Capuchinhos e pároco do município, o jornal *La Libertá*. Caxias do Sul, uma cidade que nasceu como colônia de imigrantes italianos, tinha forte presença da Igreja Católica e, no início do século XX com o aumento demográfico e a expansão econômica, foi sendo retratada nos jornais a partir das mais variadas perspectivas dentre elas a religiosa. De acordo com Valduga (2007, p. 82) "A liberdade é entendida apenas como liberdade em Cristo e, como sua palavra emana da suprema autoridade de Roma, é nela que o jornal se apoiará. O espírito moderno estava

³⁶ Ibidem.

impregnado da idéia de destruir a palavra santa”. Dessa forma, *La Libertá* tinha como objetivo manter os católicos na fé por meio de leituras orientadas pelos religiosos.

Inicialmente com tipografia própria e circulação semanal, o jornal foi transferido para Garibaldi em 1910 e passou a se chamar *Il Colono Italiano* até o ano de 1917 quando o nome é novamente trocado, desta vez por *Staffetta Riograndense* (POZENATO; SLOMP, 2004). Os anos seguintes o consolidaram como importante periódico para a região ao noticiar eventos como as Grandes Guerras Mundiais e manter relação próxima das famílias cristãs. A moral era tema recorrente em suas páginas, bem como os ensinamentos de conduta que faziam os bons homens e as boas mulheres. Assim, “A infidelidade, o ateísmo e as heresias modernas eram os elementos que qualificavam os inimigos da Igreja” (VALDUGA, 2007, p. 99) e Mussolini, ao casar-se seguindo o protocolo religioso católico e implementar ações moralizadoras na Itália, atraiu a simpatia do *Staffetta*. A década de 1920 e 1930 esteve repleta de notícias sobre o fascismo italiano defendendo suas conquistas e o progresso econômico pelo qual passava o país. Em meio à defesa do governo de Mussolini o *Staffetta* conquistou leitores e tornou-se relevante na formação de uma identidade entre italianos e seus descendentes habitantes da região colonial³⁷.

Com a Ditadura Vargas e a Campanha de Nacionalização iniciada em 1938 houve a proibição de falar línguas e dialetos estrangeiros fazendo o então *Staffetta Riograndense* ser chamado, a partir de 1941, de *Correio Riograndense*. Além do nome, o periódico trocou sua política editorial, defendendo Vargas e não mais Mussolini algo que, de acordo com Pozenato e Slomp (2004), foi apenas uma troca de personagens pois a postura política permaneceu pouco abalada. Logo

O grande inimigo dos editores do Correio Riograndense desde 1922 era o comunismo, materialista e ateu. A luta contra o comunismo também era a bandeira defendida por Vargas, a partir da Intentona Comunista de 1935. As relações entre os capuchinhos e a ditadura brasileira não poderiam ser melhores. Nunca foi cortada a cota de papel-jornal destinada à publicação desse periódico. Durante a guerra o jornal aumentou sua circulação e, em 7 de maio de 1952, transferiu-se para Caxias do Sul, onde funciona até hoje. Garibaldi tornara-se pequena para as novas proporções do jornal. (POZENATO; SLOMP, 2004, p. 97)

O *Correio Riograndense* manteve-se ao longo dos anos como jornal católico de cunho conservador enquanto muitos outros periódicos eram criados e em pouco tempo viam seu fim

³⁷ A região colonial compreende as atuais cidades de Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Garibaldi.

³⁸. Mesmo com as adaptações ao mundo moderno não perdeu características fundantes sendo elas a religião e a profunda relação com o meio rural da região (POZENATO; SLOMP, 2004). No dia 8 de fevereiro de 2017 publicou-se a última edição impressa do jornal sendo atualmente online e vinculado ao site da Rede TUA Rádio³⁹. As edições utilizadas na pesquisa, portanto, estão em formato impresso e foram acessadas de maneira digital no site do Centro de Memória da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul.

Os capuchinhos do Rio Grande do Sul atuavam no Haiti desde 2007 tanto na evangelização quanto nos trabalhos sociais, por isso missionários encontravam-se no país em 12 de janeiro de 2010. Por se tratar de um periódico semanal, a primeira reportagem do *Correio Riograndense* sobre o sismo foi publicada somente no dia 20 de janeiro e trazia Zilda Arns, médica e sanitarista brasileira vitimada pelo terremoto, como protagonista. Na capa da edição há uma fotografia (figura 5) de Arns segurando uma cuia de chimarrão com a legenda “Tragédia no Haiti vítima protetora das crianças”⁴⁰. Na reportagem da seção Especial⁴¹ são prestadas homenagens, descritos seus feitos e seu impacto no Brasil e em outros países empobrecidos nos quais trabalhou em prol de crianças e idosos.

³⁸ Em 1973 foi criado o *Jornal de Caxias* vinculado ao *Correio Riograndense* e à Ordem dos Capuchinhos, mas que adotou uma postura mais comunitária e crítica influenciando o período de reabertura política e democrática na ditadura civil militar de 1964. Vendido ao jornal *Pioneiro* em 1980, foi fechado em 1987 (POZENATO; SLOMP, 2004).

³⁹ Disponível em: <<https://www.tuaradio.com.br/>>. Acesso em 31 de outubro de 2020.

⁴⁰ *Correio Riograndense*. Caxias do Sul, 20 de janeiro de 2010, p. 1.

⁴¹ *Correio Riograndense*. Caxias do Sul, 20 de janeiro de 2010, p. 10-11.

Figura 5 - Zilda Arns, sem data.



Fonte: Luiz Chaves, *Correio Riograndense*.

Na página 11 o leitor entra em contato com o panorama econômico e geográfico do país, “o mais pobre da América”⁴². “Corpos espalhados pelas ruas, misturados aos entulhos e população em pânico carregando os mortos e feridos entre escombros”⁴³, esta é a definição feita pelo jornal oito dias após o primeiro grande tremor. É interessante observar que, além do grau de destruição e o número de mortos, o *Correio Riograndense* faça menção a outros fenômenos naturais que atingiram o país:

⁴² Ibidem.

⁴³ Ibidem.

Em 2008, o país foi devastado pela passagem do furacão Gustav e pela tempestade tropical Hanna. Antes, o Haiti havia sido atingido também pela tempestade Fay.

O País está localizado em uma região sujeita a muitos desastres naturais, como furacões e terremotos. Para especialistas, a devastação das florestas intensificou a destruição. Além da turbulência política e os maus governos, o Haiti sofreu durante sua história com grandes problemas econômicos e sociais.⁴⁴

Assim como no jornal *Correio do Povo*, não há explicações sobre a causa dos problemas econômicos e sociais do Haiti. Entretanto, a utilização do termo “maus governos” pode apontar para uma posição crítica do *Correio Riograndense* em relação à história do Haiti, tendo em vista que os governos anteriores ao do então presidente René Preval foram marcados por corrupção e violação dos direitos humanos, principalmente na Ditadura Duvalier. A presença do Brasil por conta da MINUSTAH é explicada como uma missão para reconstrução do país e necessária diante da instabilidade do início do século XXI. Já a ajuda humanitária brasileira para socorrer as vítimas do terremoto é mencionada brevemente no final do texto, prevista para chegar dias depois da publicação da edição. Outro elemento importante é a fotografia que acompanha a reportagem.

⁴⁴ Ibidem.

Figura 6 - Homem entre escombros. Porto Príncipe, Haiti, janeiro de 2010.



Fonte: Juan Barreto, *Correio Riograndense*.

No centro da imagem há um haitiano que cobre seu rosto com um pano enquanto caminha entre os escombros. Ele parece desorientado, abatido. Ao fundo estão outras pessoas que aparentam caminhar com dificuldade para vencer os entulhos. Não é possível ver militares, carros da ONU, homens brancos. É interessante pensar na escolha por esta fotografia que representa em demasia o relato de Thomaz (2010)

A Minustah está no país há seis anos, e outras missões ali estiveram antes dela, e não estabeleceram nenhum contato com os setores organizados da sociedade haitiana. Porque eles existem, e foram eles que garantiram a distribuição de água e comida nos dias que sucederam os terremotos do dia 12 de janeiro. (THOMAZ, 2010, p. 30).

Ao relacionar os elementos da reportagem é latente o modo como a fotografia é capaz de pronunciar as ausências e contradições do texto escrito, especificamente em relação à atuação da ajuda internacional, visto que não são evidenciadas as medidas tomadas pela Nações Unidas e outras organizações. Neste sentido, a imagem não representa somente a ausência das instituições estrangeiras diante do terremoto, mas a permanência de uma

população que continua a percorrer seu caminho mesmo em meio aos escombros na busca pelos concidadãos sobreviventes. O artigo escrito pela teóloga e professora Maria Clara Lucchetti Bingemer publicado em 10 de fevereiro na seção Opinião⁴⁵ ilustra bem a situação, isto porque, ao relatar cinco resgates de vítimas, não houve menção às Nações Unidas, aos militares a serviço da MINUSTAH ou às grandes organizações internacionais. Vizinhos, amigos e voluntários foram os agentes da real ajuda que as mulheres descritas no texto de Bingemer receberam.

Em “O Haiti Existe?”⁴⁶, artigo publicado também no dia 10 de fevereiro na seção Opinião, Frei Betto incita o leitor a refletir sobre as condições históricas impostas aos haitianos. De acordo com ele “O terremoto que arruinou o Haiti nos induz à pergunta: o Haiti existe? Hoje, sim. Mas, e antes de ser arruinado pelo terremoto? Quem se importava com a miséria daquele país? Quem se perguntava por que o Brasil enviou para lá tropas a pedido da ONU?”⁴⁷. A partir de tais questionamentos Frei Betto enumera as intervenções militares, os bloqueios econômicos, as ditaduras e finaliza sua reflexão afirmando que

Ao Haiti enviamos “missões de paz”, tropas de intervenção, ajudas humanitárias; jamais projetos de desenvolvimento sustentável. Findas as ações emergenciais, quem reconhecerá o Haiti como nação soberana, independente, com direito à sua autodeterminação? Quem abraçará o exemplo da dra. Zilda Arns, de ensinar o povo a ser sujeito multiplicador e emancipador de sua própria história?⁴⁸

A crítica à presença de militares brasileiros no Haiti e sua incapacidade no atendimento à população haitiana aparece novamente em uma entrevista, publicada no dia 5 de maio de 2010, intitulada “Brasileiros dão suporte a movimento camponês”⁴⁹. Nela o professor e militante gaúcho do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), José Luis Patrola, relata suas experiências no Haiti. Como a própria matéria diz, os movimentos sociais brasileiros estão no país caribenho com objetivo de apoiar as lutas dos haitianos, em particular a dos camponeses, classificados por Louidor (2013, p. 37) como “um dos grupos sociais mais excluídos”. Patrola argumenta que “A ocupação militar é um problema, pois as tropas não atuam diretamente com os movimentos sociais. Fora isso ela é caríssima”, acrescentando em seguida que “Nos primeiros cinco dias após o sismo não se via nenhum

⁴⁵ *Correio Riograndense*. Caxias do Sul, 10 de fevereiro de 2010, p. 6.

⁴⁶ *Correio Riograndense*. Caxias do Sul, 10 de fevereiro de 2010, p. 6.

⁴⁷ *Ibidem*.

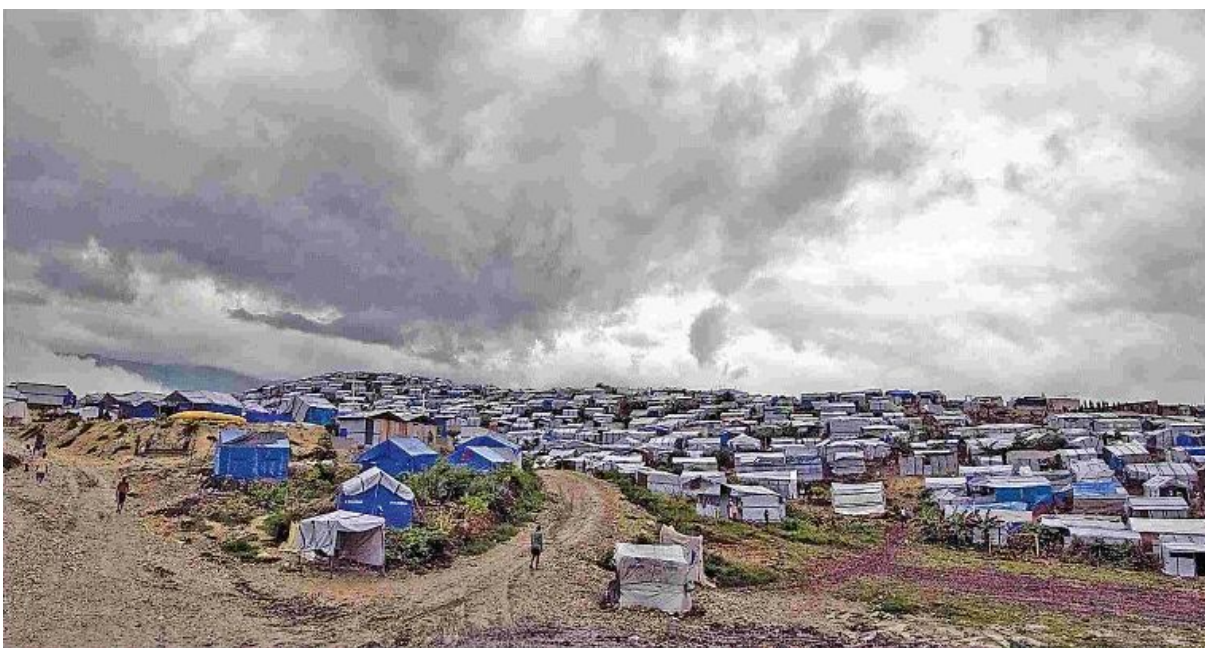
⁴⁸ *Ibidem*.

⁴⁹ *Correio Riograndense*. Caxias do Sul, 5 de maio de 2010, p. 12.

soldado nas ruas ajudando a população”⁵⁰. Por isso e pelo autoritarismo impostos tanto pelo governo quanto pela intervenção é que defende a organização popular, dessa forma será possível mudar o quadro de pobreza e marginalidade da maior parte dos haitianos.

Em 16 de fevereiro de 2011 o Correio Riograndense publicou uma reportagem especial de duas páginas com o título “Haiti busca rumo para fugir do caos”⁵¹ no qual são abordados os problemas enfrentados pelos haitianos despossuídos, principalmente a violência. É reforçada a ideia de o país ser o mais pobre das Américas, narrativa marcante em duas fotografias presentes na primeira página. A primeira delas (figura 7) mostra as diversas barracas em que permaneceram haitianos que tiveram suas casas destruídas. Algo essencial é a escolha da legenda “Nuvens de tragédia rondam Haiti: mais de um milhão de pessoas ainda vivem em acampamentos precários, como este, em Porto Príncipe”.

Figura 7 - Acampamento improvisado. Porto Príncipe, Haiti, fevereiro de 2011.



Fonte: Logan Abassi, *Correio Riograndense*.

O termo tragédia é utilizado cinco vezes ao longo do texto para referir-se ao terremoto, enquanto caos é a palavra que caracteriza o contexto pós-sismo. Um dos destaques da reportagem são os inúmeros casos de abusos contra meninas e mulheres ocorridos nos acampamentos. Nas palavras do jornal “Mesmo com o aumento da violência e das violações, pouca atenção foi dada aos direitos das mulheres e quase ou nenhuma ação foi feita no sentido

⁵⁰ Ibidem.

⁵¹ *Correio Riograndense*. Caxias do Sul, 16 de fevereiro de 2011, p. 10-11.

de prevenir a violência sexual”⁵². O *Correio Riograndense* deixa explícita sua crítica à impunidade e à pouca atenção que a justiça haitiana destina aos crimes contra a população feminina que é, de acordo com o jornal, a que mais tem seus direitos humanos negados. Dessa forma “As nuvens de tragédia não deixaram o território haitiano. Cercados de dificuldades por todos os lados, os habitantes do país ainda têm de enfrentar uma epidemia de cólera”⁵³. Sobre tais questões Louidor (2013, p. 27) alerta que

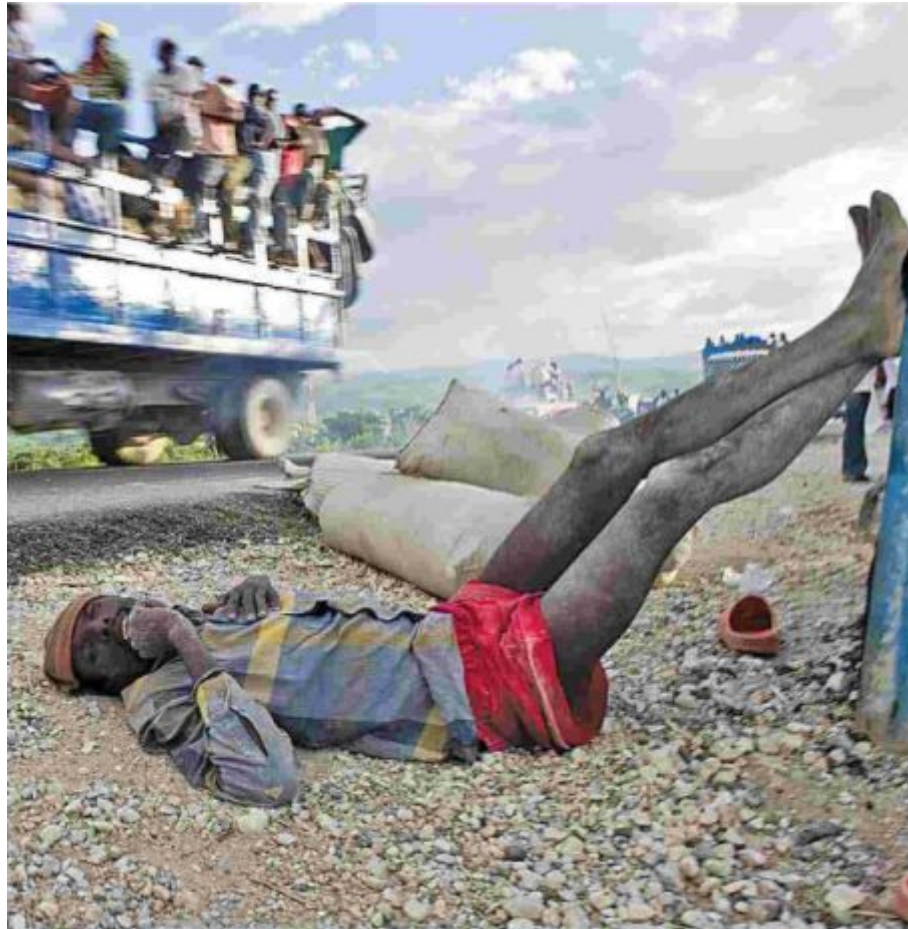
É importante entender que a tragédia foi, em grande parte, resultado de uma vulnerabilidade social historicamente produzida. Daí a necessidade de nos interrogar sobre o processo de produção de vulnerabilidade social do Haiti. O terremoto foi um fenômeno natural que se converteu em desastre (ou catástrofe social) porque, justamente, encontrou, no País, condições vulneráveis em todos os níveis. [...] A vulnerabilidade do Haiti é resultado de um longo processo, que começa desde a colonização espanhola e a francesa até hoje, passando pela ocupação estadunidense no País e a irresponsabilidade das autoridades haitianas, que não têm implementado políticas públicas destinadas a reduzir essa vulnerabilidade. (LOUIDOR, 2013, p. 27)

A epidemia de cólera detectada em outubro de 2010 e que vitimou cerca de 8 mil pessoas ao longo dos anos seguintes teve sua origem numa das bases militares da MINUSTAH (VASCONCELOS, 2016). Além de ter causado revolta na população que, novamente, se manifestou contra a intervenção da ONU e exigiu a saída dos soldados nepaleses responsáveis pela disseminação, a doença infectou mais de 500 mil demonstrando a vulnerabilidade a qual o Haiti é constantemente submetido. Dito isso, a segunda fotografia da reportagem “Haiti busca rumo para fugir do caos” reforça a narrativa de tragédia adotada pelo jornal de mesmo modo que explicita a tese de Louidor (2013) sobre a construção e reprodução da vulnerabilidade no país.

⁵² *Correio Riograndense*. Caxias do Sul, 16 de fevereiro de 2011, p. 10.

⁵³ *Ibidem*.

Figura 8 - Homem com cólera à beira da estrada. Porto Príncipe, Haiti, fevereiro de 2011.



Fonte: Nicholas Kamm, *Correio Riograndense*.

“Haitiano com cólera espera ajuda (ou morte) à beira de estrada” é a legenda atribuída pelo jornal à fotografia. Na reportagem há a ausência dos termos “missão” e “MINUSTAH”, sendo a ONU citada apenas como validação de dados sobre estupro. De tal modo que, ao afirmar que o haitiano espera ajuda ou a morte, o *Correio Riograndense* aponta, assim como em matérias e fotografias apresentadas anteriormente, a ausência das instituições internacionais e nacionais em auxiliar os haitianos vitimados pela “tragédia”. A imagem, que pode causar desconforto no leitor, é um lembrete da pobreza e miséria mencionadas nos textos do periódico. Na página ao lado, em contrapartida, são apresentados os esforços e contribuições dos Capuchinhos à população na construção de bancos para uma escola. De acordo com o jornal “O cenário de dificuldades no Haiti é tão vasto e complexo que qualquer ação, por mais banal que possa parecer, depende da superação de grandes obstáculos para ser executada”, mas com “tempo, sacrifício, habilidade, perseverança, doação”⁵⁴ são feitas.

⁵⁴ *Correio Riograndense*. Caxias do Sul, 16 de fevereiro de 2011, p. 11.

É interessante perceber o quadro apresentado pela reportagem que inicia tratando dos problemas agravados com o terremoto, e ainda longe de solução, e finaliza com o relato de Frei Lori e sua ação na missão dos Capuchinhos no Haiti. Pelas palavras do jornal conhecemos um país e uma população à mercê da violência e das doenças em constante espera da ajuda internacional. Diferente da narrativa do jornal *Correio do Povo* que privilegia as doações em dinheiro e presença militar, o *Correio Riograndense* tece críticas, por vezes implícitas ou utilizando interlocutores, em relação à ineficácia e mesmo à ausência na prestação de auxílio necessário após o terremoto de 2010. Por se tratar de um jornal católico observa-se a valorização do trabalho dos religiosos no país. De cerca de 40 matérias publicadas sobre o Haiti entre janeiro de 2010 e fevereiro de 2011, em torno de 15 delas, ou seja 40%, abordam diretamente as movimentações da Igreja Católica em torno da ajuda aos mais necessitados na construção de escolas ou de igrejas, arrecadação de fundos com destino a financiamento dos estudos de crianças e mesmo com orações.

Cabe ressaltar que as críticas mais contundentes presentes no *Correio Riograndense*, bem como a colocação do Haiti num processo histórico de explorações sem descolá-lo do passado escravista e colonial, de intervenções militares, ditaduras e da permanência de missões da ONU e de ONG's são feitas por intelectuais. Pela voz de pessoas como a teóloga e professora Maria Clara Lucchetti Bingemer, o jornalista e religioso Frei Betto e o professor e militante José Luis Patrola, o leitor do jornal conhece um Haiti empobrecido, não pobre. Se um haitiano com cólera “espera ajuda (ou a morte)” na beira da estrada isto ocorre porque dele foi retirado recursos de sobrevivência e não porque escolheu a pobreza e essa ser a única condição que lhe serve. Apesar disso, a narrativa da miséria e do caos estão presentes no *Correio Riograndense*, reforçando a ideia de que o Haiti precisa da ajuda internacional para reerguer-se. Não é objetivo da pesquisa entrar no mérito da questão, porém devemos reforçar que, após sua independência, o país viu-se diante de um bloqueio econômico imposto pelas grandes potências e devendo à antiga metrópole uma indenização colossal. Isto posto, até mesmo o termo “ajuda” para referir-se à doações de países como EUA e França pode e deve ser problematizado.

3.3 O TERREMOTO NAS PÁGINAS DO *PIONEIRO*

Surgido no contexto da Guerra Fria e da redemocratização do Brasil após o Estado Novo implantado por Vargas, *O Pioneiro*⁵⁵ estava ligado ao Partido de Representação Popular (PRP), nada mais que um novo nome à antiga Ação Integralista Brasileira liderada por Plínio Salgado (POZENATO; SLOMP, 2004). Muito presente no movimento Integralista, o anticomunismo marcou também o jornal criado em 1948 na cidade de Caxias do Sul pelo então deputado estadual Luiz Campagnoni. Seu financiamento provinha dos integrantes do PRP e, diferente da neutralidade e jornalismo informativo defendidos pelo *Correio do Povo*, *O Pioneiro* não poupou páginas para defender o seu desejo de formar opiniões (POZENATO; SLOMP, 2004). Além de comunistas, o jornal opunha-se a outros grupos voltados ao campo político da esquerda, algo que tomou maior fôlego na década de 1960 período em que João Goulart⁵⁶ assumiu a presidência (RADÜNZ; CARDOSO, 2018).

A partir de 1981 o *Pioneiro* deixou de ser um jornal semanal para tornar-se diário e em 1993, por conta da “necessidade de mudança técnica, com altíssimos investimentos” (POZENATO; SLOMP, 2004, p. 155) foi vendido ao grupo Rede Brasil Sul⁵⁷ (RBS). Junto das transformações gráficas como impressão em cores, o periódico ampliou o alcance e a tiragem atendendo, atualmente, 64 municípios da região nordeste do Rio Grande do Sul⁵⁸. Naturalmente, sua linha editorial afastou-se das características partidárias fundantes representando, desde então, os interesses da empresa que o gerencia “evidenciando a formação de uma corporação jornalística que não mais representa as posições da imprensa regional” (POZENATO; SLOMP, 2004, p. 155). De acordo com o próprio grupo RBS o *Pioneiro* é um “veículo moderno, amplamente conectado aos assuntos locais e feito com a participação ativa dos leitores”⁵⁹. Em 2008 houve a publicação do site do jornal no qual são veiculadas notícias e reportagens diversas. As edições impressas consultadas durante a

⁵⁵ Inicialmente chamado de *O Pioneiro*, no início de 1980 sofreu uma pequena mudança no nome passando a se chamar apenas *Pioneiro*.

⁵⁶ João Goulart assumiu o cargo após a renúncia de Jânio Quadros. Sucessor de Getúlio Vargas, sob a sigla do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), Goulart foi apontado pelos conservadores como socialista.

⁵⁷ A Rede Brasil Sul, empresa de comunicação, iniciou os trabalhos em 1957 a partir da fundação de Maurício Sirotsky Sobrinho. Em 1969 tornou-se afiliada da Rede Globo.

⁵⁸ Dados do grupo RBS. Disponível em: <<https://www.gruporbs.com.br/atuacao/pioneiro/>>. Acesso em: 02 de novembro de 2020.

⁵⁹ Ibidem.

pesquisa estão disponíveis no acervo do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami de Caxias do Sul.

A primeira publicação do jornal sobre o terremoto de 2010 ocorreu no dia 14 de janeiro. Diferente do *Correio Riograndense* que utilizou a imagem de Zilda Arns na primeira reportagem sobre o sismo, o *Pioneiro* estampou uma fotografia (figura 2) em cores de dois haitianos sobre um fundo escurecido acompanhados da manchete “O Haiti Assombra”⁶⁰. A junção de ambos elementos pode representar, num primeiro momento, o impacto do terremoto sobre o país, porém a narrativa carregada pela palavra “assombra” e a escolha por uma imagem feita à noite, na qual o leitor não detecta a destruição causada pelo sismo, indicam o anti-haitianismo construído sobre a égide do “medo negro”. Nas páginas 14, 15 e 16 ao leitor é apresentado o cenário de Porto Príncipe como “Uma cidade sob ruínas” e o “Retrato do caos”, dessa forma “Ontem [13 de janeiro de 2010], enquanto a ajuda internacional não chegava, os haitianos ou empilhavam os cadáveres nas ruas da capital ou buscavam sobreviventes e mortos entre as ruínas, de onde se ouviam incessantes gritos de socorro”⁶¹. Essa frase é digna de nota por dois motivos: o primeiro deles por apresentar os haitianos como sujeitos ativos diante do terremoto; e o segundo, contudo, por colocá-los numa posição narrativa secundária em relação à ajuda externa.

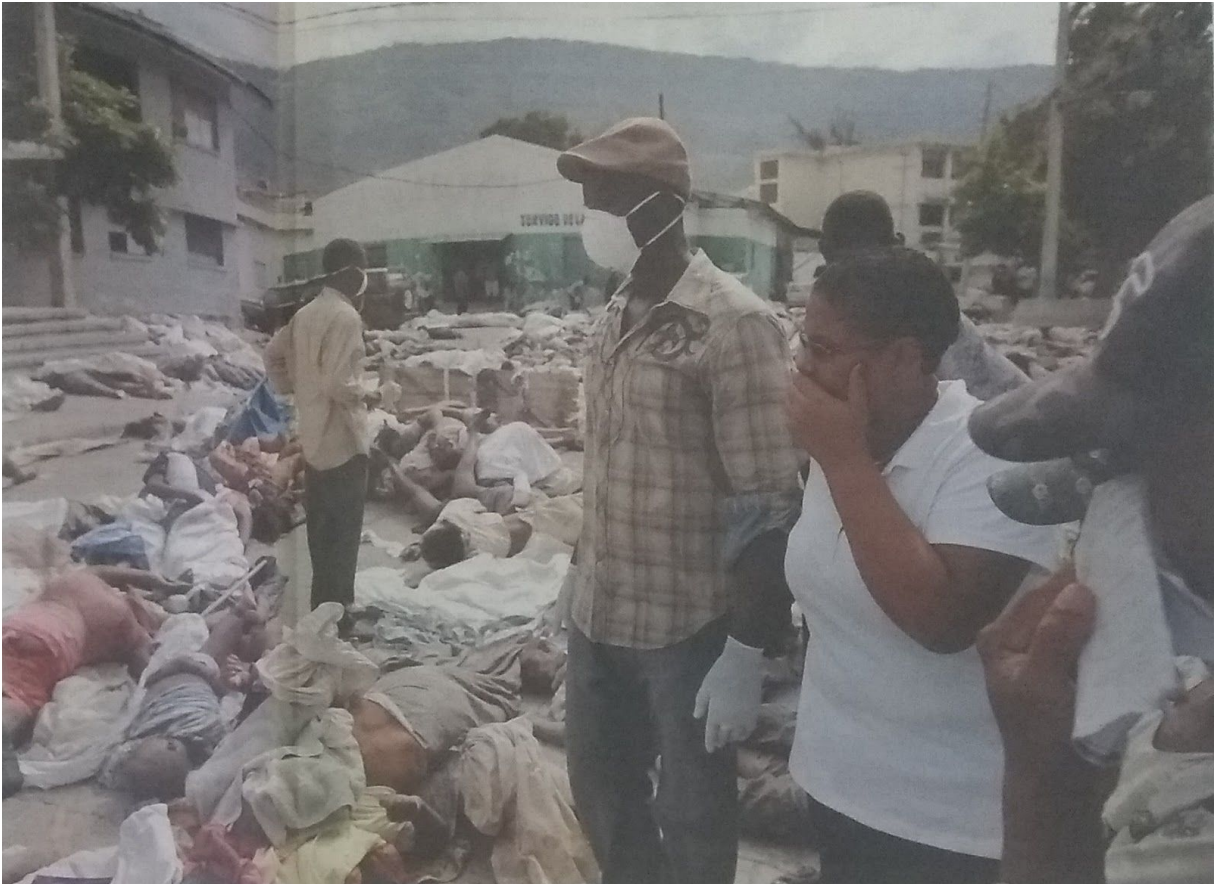
A reportagem do dia 15 de janeiro, “Um cenário de horror: Corpos pelas ruas, gritos sob escombros, desorganização, falta de condições médicas e muita tristeza”⁶², reforça as representações de tragédia, caos e miséria principalmente pela fotografia que a acompanha.

⁶⁰ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 14 de janeiro de 2010, p. 1.

⁶¹ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 14 de janeiro de 2010, p. 14, 15 e 16.

⁶² *Pioneiro*. Caxias do Sul, 15 de janeiro de 2010, p. 14-15.

Figura 9 - Haitianos observam os mortos. Porto Príncipe, Haiti, janeiro de 2010.



Fonte: Gregory Bull, *Pioneiro*.

Os corpos sem vida no chão, mesmo que não estejam no centro na fotografia, são foco dos olhares de haitianos e certamente do leitor que observa a imagem. Ela representa o impacto do terremoto num país com estrutura precária como o Haiti. É interessante recorrermos ao significado do termo “horror”⁶³ que, além de medo e pavor, também pode exprimir a ideia de aversão, ódio. Logo, a fotografia e o texto possuem uma narrativa que nos remete aos discursos anti-haitianistas pautados num conjunto de preconceitos históricos sendo eles a repulsa à mulher e homem negro e sua suposta incapacidade de organização social, política e econômica. Ademais, a exposição do sofrimento por meio de cenas com cadáveres faz parte da construção de uma narrativa que faz “circular, alimentar a memória e o imaginário coletivos sobre diversos assuntos, inclusive países, seus povos e suas culturas” (OLIVEIRA, 2014, p. 17).

⁶³ LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. 14ª ed, São Paulo: Ática, 2001.

Ainda de acordo com a reportagem, a ajuda internacional “começou a chegar em massa no país, a ponto de o governo haitiano suspender temporariamente a entrada de aviões no país, já que não há pistas disponíveis para novas aterrissagens”⁶⁴. Já na publicação do dia 16 e 17 de janeiro⁶⁵ “Desespero e descontrole”⁶⁶ são os termos empregados pelo *Pioneiro* ao mencionar a busca de haitianos por mantimentos como água e comida. De acordo com o jornal isso ocorreu porque “a enorme quantidade de ajuda internacional ainda não chegou a muitos deles” quando “O desespero se transformou em raiva em alguns lugares, e houve saque e até barricadas feitas com cadáveres em algumas ruas”⁶⁷. A respeito da MINUSTAH defende ser “a única força que tenta combater a deterioração da situação de insegurança”⁶⁸, apesar de não mencionar outras ações de apoio às vítimas do terremoto. Na reportagem “O horror em imagens”⁶⁹ publicada na edição de 19 de janeiro a narrativa acima descrita é reforçada. Destacamos a fotografia que estampa uma das páginas.

⁶⁴ *Ibidem*.

⁶⁵ Aos finais de semana o jornal é publicado em somente uma edição que contempla sábado e domingo.

⁶⁶ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 16 e 17 de janeiro de 2010, p. 14-15.

⁶⁷ *Ibidem*.

⁶⁸ *Ibidem*.

⁶⁹ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 19 de janeiro de 2010, p. 14-15.

Figura 10 - Haitianas e haitianos. Porto Príncipe, Haiti, janeiro de 2010.



Fonte: *Pioneiro*.

Nela vê-se haitianos, maioria homens, erguendo suas mãos em direção a algo que irá ser distribuído. Não é possível ver os outros personagens da cena, aqueles que provavelmente oferecerão ajuda, algo que pode causar a impressão de que o clamor é direcionado aos céus. O texto que acompanha a imagem afirma:

As condições de vida, antes precárias, se tornaram caóticas. O que se viu nos últimos sete dias foram imagens que doem, nos fazem refletir o quanto a vida pode ser árida e severa, o quanto a força da natureza é imensurável. Corpos prensados por toneladas de concreto, tapetes de corpos pelas ruas, crianças órfãs no colo de bombeiros, saques e violência por um punhado de comida.⁷⁰

Ao atribuir à natureza a causa de tamanha devastação naturalizam-se condições historicamente produzidas, tanto do empobrecimento quanto do impacto ambiental originado da exploração desenfreada feita desde o período colonial. A omissão de tais aspectos reafirma

⁷⁰ Ibidem.

que o Haiti é “o país mais miserável das Américas”. Soma-se a isso a espetacularização da morte e das dificuldades enfrentadas pelos haitianos. Outro exemplo fica a cargo da fotografia a seguir, integrante da reportagem “O horror em imagens”.

Figura 11 - Haitianos em disputa. Porto Príncipe, Haiti, 2010.



Fonte: Ariana Cubillos, *Pioneiro*.

A cena registra uma disputa por comida. A legenda, “Há sempre tumulto quando os mantimentos chegam às zonas mais afetadas”, evidencia não só a escolha do *Pioneiro* em retratar, mais uma vez, miséria e caos, como também animalizar os haitianos colocando-os dentro do “discurso eurocêntrico, caracterizado principalmente por seus traços racistas e colonialistas” (VASCONCELOS, 2010, p. 121). Desesperados, descontrolados e mergulhados no completo caos e horror: este é o Haiti após o terremoto de 2010 pelas lentes do jornal. Ressaltamos que tais atribuições também foram feitas logo após o levante dos escravizados contra os senhores coloniais no século XIX. Sobre a ajuda humanitária e os casos de violência Thomaz (2010) argumenta:

Quando os rumores da existência de diesel ou gasolina se espalhavam, formavam-se grandes filas nas estações de serviço. O mesmo para os garrafões de água. Não vimos nenhuma das cenas tão mostradas pela mídia de pessoas se estapeando por água ou comida, mas não duvidamos que isso pudesse acontecer pelo simples fato de que a ajuda tardava: quanto tempo agüentarão as *madanm sara*⁷¹ e as famílias? O que faz uma multidão quando se aproximam caminhões com uma ajuda claramente insuficiente? Luta por

⁷¹ Mulheres comerciantes do Haiti.

migalhas, e diante das câmeras, que chegam com estes mesmos caminhões. Câmeras que não estavam ali para acompanhar a organização do campo, a divisão das tarefas, a distribuição de alimentos e água nos dias que precederam a chegada de caminhões com pessoas armadas até os dentes e seguidas das câmeras da mídia internacional. Foi a ajuda que provocou a violência. (THOMAZ, 2010, p. 31)

Na seção Pelo Mundo da edição de 4 de fevereiro de 2010 do *Pioneiro* duas curtas matérias tratam da ajuda internacional. No topo da página o leitor pode observar uma fotografia de haitianos manifestando-se.

Figura 12 - Manifestante em Pétienville, Haiti, fevereiro de 2010.



Fonte: Andres Leighton, *Pioneiro*.

Logo abaixo, com título “Situação sem controle”⁷², a reportagem inicia afirmando que “O governo do Haiti estimou ontem [3 de fevereiro] em mais de 200 mil o número de mortos no terremoto e admitiu que não tem condições de controlar a situação”. Tal frase é direcionada aos protestos contra a prefeita de Pétienville, Claire Lydie Parent, acusada de cobrar pelos cupons destinados aos haitianos para troca de arroz. Logo após a explicação do “descontrole” o jornal sinaliza a movimentação da ONU em “analisar a situação do país”⁷³. É interessante compararmos os elementos da fotografia e do texto. Na imagem um grupo de

⁷² *Pioneiro*. Caxias do Sul, 4 de fevereiro de 2010, p. 25.

⁷³ *Ibidem*.

homens com o punho em riste, falando ou cantando, organizados em fileira caminham em frente. Um deles segura uma lata na qual bate com pedaço de madeira no evidente objetivo de fazer barulho. Logo atrás há outro homem, também com pedaço de madeira, mas não é possível distinguir se está fazendo os mesmos movimentos que seu companheiro. A princípio a manifestação é pacífica, ao menos é isto que o observador enxerga. Contudo, “sem controle” é a característica que o jornal, segundo as autoridades do Haiti, utiliza ao referir-se à situação. Ademais, a evocação da ONU como única capaz de resolver o problema ali descrito denota a relação de dependência do país caribenho frente às grandes organizações internacionais.

Em sequência o texto “Mais de 700 corpos estão sob os escombros”⁷⁴ apresenta o cenário da cidade de Leogane, epicentro do terremoto, a partir do relato do prefeito. Destacamos o último parágrafo no qual

Sobre a ajuda humanitária enviada à cidade, o político admitiu que a coordenação para distribuir os alimentos e outros produtos à população é insuficiente, apesar das reuniões dos representantes de 30 organizações não governamentais (ONGs) que participam das ações para reconstruir o país.⁷⁵

É notável a disposição das matérias na página do jornal: enquanto a primeira apresenta a ideia de desordem do povo haitiano, tanto dos manifestantes quanto dos políticos, a segunda, posicionada na parte inferior, indica a insuficiência da ajuda internacional. Neste sentido

A manutenção de todo o aparato que cerca a presença internacional no Haiti exige uma soma considerável de recursos. Recursos que não necessariamente chegam aos haitianos ou contribuem efetivamente para a construção ou a consolidação do aparato estatal. O uso dizer que o que se pretende reconstruir com as supostamente grandes somas oriundas da ajuda internacional não é o Haiti, mas a própria ajuda internacional. (THOMAZ, 2010, p. 38)

Após o terremoto de 2010 houve diversas discussões sobre a reconstrução do país, mas o que desejava a ajuda internacional reconstruir? O ciclo de pobreza ao qual o Haiti esteve desde sua independência submetido? Assim, até mesmo o termo reconstrução entrou em debate e refundação passou a ser empregado para designar a necessidade de “reconsiderarmos as relações sociais a fim de analisarmos o tipo de sociedade que queremos” (LUBIN, 2013, p. 76). A narrativa da miséria, tão presente nas páginas do *Pioneiro*, além de estigmatizar a população haitiana e colocá-la numa posição de inaptidão, perpetua discursos racistas oriundos da ideologia colonial e alimentados pelo imperialismo, de que o Haiti está

⁷⁴ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 4 de fevereiro de 2010, p. 25.

⁷⁵ *Ibidem*.

envolto na barbárie, que sua falta de cultura democrática provém não de um sistema exploratório, mas de uma suposta essência corrupta do povo negro sobre a qual as grandes instituições internacionais “civilizadas” pretendem, a ameaças de fuzis, corrigir.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desejo em pesquisar uma pequena parte da história do Haiti utilizando como fonte jornais do Rio Grande do Sul provém, além de minha trajetória como estudante, de circunstâncias mundiais, principalmente por conta da COVID-19 e do recrudescimento da xenofobia e do racismo. Inicialmente quis trabalhar com as memórias e vivências das mulheres haitianas em Caxias do Sul, porém diante da pandemia optei por trocar minha fonte algo que alterou, conseqüentemente, o viés do trabalho. Dessa forma, os periódicos sul-riograndenses orientaram meu olhar em direção às narrativas que estes construíram a respeito do Haiti e dos haitianos não somente no texto escrito, como também nas fotografias que cada um deles estampou nas edições analisadas. O recorte temporal priorizado, o terremoto de 12 de janeiro de 2010, deve-se à grande presença de notícias nos jornais selecionados. Jornais como *Correio do Povo*, *Correio Riograndense* e *Pioneiro* tanto por sua relevância e circulação quanto por características específicas, criam representações e fazem circular ideias sobre aquilo que noticiam impactando, invariavelmente, o leitor que também constrói e reconstrói narrativas.

Assim como nenhuma pesquisa se esgota em si mesma, existem muitas outras possibilidades para trabalhar o país caribenho por meio dos jornais, além de ser viável utilizar como fonte relatos de haitianos de modo a construir a história recente do Haiti. Investigar a percepção dos brasileiros ao lerem tais reportagens aqui apresentadas é outra abordagem possível em futuras pesquisas.

Dito isso, ao analisar as fontes, evidenciou-se que, apesar de não haver consenso entre os três jornais, todos eles em alguma medida perpetuam estigmas de miséria e (suposta) incompetência dos haitianos, bem como omitem a origem social de grande parte da população sem fazer ponderações quanto à história do país. Em virtude disso, o Haiti é um país afogado no absoluto caos social, político e econômico do qual somente a ajuda internacional é capaz de tirá-lo. Curiosamente, tal argumento foi amplamente utilizado pelos Estados Unidos de modo a justificar a intervenção militar de 1915.

A partir da análise de conteúdo e das considerações produzidas no capítulo dois, Haiti esquecido: breves considerações sobre a história de um povo, o capítulo três, Narrativas do Haiti e dos haitianos no contexto do terremoto de 2010 em jornais sul-riograndenses, percorre de forma individual os periódicos de modo a identificar como cada um deles abordou o sismo.

Neste sentido, no *Correio do Povo* prevaleceu as notícias que tratavam de doações de comida e medicamentos, de envio de militares e campanhas de arrecadação promovida por celebridades. Caos, violência e insegurança foram termos recorrentes nos textos jornalísticos, dos quais quase a totalidade são assinados pela editoria. Já no *Correio Riograndense* alguns artigos trazem interlocutores bem definidos, como é o caso do texto de Frei Betto, responsável por historiar o Haiti e tecer críticas contundentes em relação à posição internacional frente ao país e os problemas agravados pelo terremoto. A intervenção militar é criticada ora com palavras de entrevistados, ora com a narração do próprio jornal. Apesar disso, a ideia de caos é reforçada, geralmente, quando as ações da Igreja Católica são postas em contraponto. Por fim, o *Pioneiro* aproxima-se mais do *Correio do Povo* ao destacar a ajuda internacional. A intensidade da narrativa adotada é o que realmente os diferencia, tendo em vista que, ao estampar diversas fotografias de haitianos mortos ou em disputas por comida, o *Pioneiro* ilustra o que chama de horror, numa evidente aversão em relação ao Haiti.

Não é meu objetivo criticar a necessidade de o Haiti, diante do grande impacto causado pelo terremoto, contar com o apoio financeiro de países e instituições internacionais. Contudo, busco evidenciar, por meio de minhas referências e fontes, que o discurso difundido em relação à ajuda é essencialmente racista e estigmatizante. Como apontado no capítulo dois, desde que o primeiro europeu colocou seus pés na ilha, posteriormente denominada Hispaniola, os povos nativos foram explorados assim como os escravizados africanos e o solo no qual fizeram a Revolução. Diferente da narrativa presente principalmente nos jornais *Correio do Povo* e *Pioneiro* o Haiti não é um país pobre e miserável, mas sim um país que foi, e ainda é, empobrecido e animalizado por seus detratores. Pergunto-lhe, caro leitor, como um país aparentemente tão pobre é capaz de gerar tanta cobiça por parte de países como os Estados Unidos?

O Haiti existe de diversas formas e de acordo com diversas narrativas. Nos jornais analisados ele existe, sobretudo, a partir do terremoto visto o limite dos periódicos em apresentar as condições históricas que o construíram. Mas fato é que o Haiti existe. Os haitianos existem. Identificar a perpetuação de discursos anti-haitianistas nos jornais constitui parte do esforço em descolonizar o pensamento e as práticas que temos enquanto nações erguidas sobre a escravidão de negros e indígenas. Essa pesquisa é uma pequena contribuição

ao pensamento que busca refletir sobre um Haiti para além das narrativas estigmatizantes de tragédia e caos.

5 REFERÊNCIAS

- BARAKA, Imamu Amiri. **O jazz e sua influência na cultura americana**. Rio de Janeiro: Record, 1967.
- BARBOSA, Clarice Garcia. Fontes Históricas: cotidiano e história por meio dos periódicos. **Revista Discente Ofícios de Clio**, Pelotas, v. 3, n. 5, p. 38-53, jul/dez. 2018.
- BARROS, José D' Assunção. A fonte histórica e seu lugar de produção. **Caderno Pesquisa CDHIS**, Uberlândia, v.25, n.2, p. 407-429, 2012.
- BARROS, José D' Assunção. A história cultural e a contribuição de Roger Chartier. **Diálogos**, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.
- CARVALHO, Vânia Carneiro de; LIMA, Solange Ferraz de. Fotografias: Usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; DE LUCA, Tânia Regina. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.
- CAVALLARO, James. **Mantendo a paz no Haiti?: uma avaliação da Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti usando o cumprimento de seu mandato como parâmetro de sucesso**. Cambridge: Harvard Law Student Advocates for Human Rights; Rio de Janeiro: Centro de Justiça Global, 2005.
- DALMAZ, Mateus; HOPPE, Willian Henrique. A representação da imigração haitiana no Vale do Taquari/RS a partir do jornal O Informativo do Vale (2012-2017). **Oficina do Historiador**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 1-17, jul./dez. 2019.
- DOSSE, François. História do tempo presente e historiografia. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 5-22, jan/jun. 2012.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. Notas iniciais sobre a história do tempo presente e a historiografia no Brasil. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 80-108, jan./mar. 2018.
- FONTELLA, Leandro Goya; MEDEIROS Elisabeth Weber. Revolução Haitiana: o medo negro assombra a América. **Disc. Scientia**. Série: Ciências Humanas, Santa Maria, v. 8, n. 1, p. 59-70, 2007.
- GRAFENSTEIN, Johanna von. La Revolución e independencia de Haití: sus percepciones en las posesiones Españolas y primeras repúblicas vecinas, 1791-1830. **Tareas**, Panamá, p. 33-46, 2011.
- GRONDIN, Marcelo. **Haiti: cultura, poder e desenvolvimento**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

JAMES, Cyril Lionel Robert. **Os jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

JERÔME, Phares. Depois da catástrofe, como estamos? In: SANTIAGO, Adriana (Org.). **Haiti por si: a reconquista da independência roubada**. Fortaleza: Adital, 2013.

JOSEPH, Handerson. A historicidade da (e)migração internacional haitiana. O Brasil como novo espaço migratório. **Périplos: Revista De Estudos Sobre Migrações**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 7-26, 2017.

LEITE, Carlos Henrique Ferreira. Teoria, metodologia e possibilidades: os jornais como fonte e objeto de pesquisa histórica. **Escritas**, Araguaína, v. 7, n. 1, p. 3-17, 2015.

LOUIDOR, Wooldy Edson. Uma história paradoxal. In: SANTIAGO, Adriana (Org.). **Haiti por si: a reconquista da independência roubada**. Fortaleza: Adital, 2013.

LUBIN, Irdèle. O Haiti após o sismo, qual a reconstrução? In: SANTIAGO, Adriana (Org.). **Haiti por si: a reconquista da independência roubada**. Fortaleza: Adital, 2013.

MARCILIO, Daniel Augusto Pereira. **Jornalismo e Memória: A construção da narrativa de si em edições comemorativas de aniversário no jornal Correio do Povo (1905 – 1975)**' 03/12/2018 145 f. Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Comunicação Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MAUAD, Ana Maria. **O olho da história: fotojornalismo e história contemporânea**. Disponível em <http://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/memoria/12.shtml>. Acesso em: 22/06/20.

MAUAD, Ana Maria. Usos e funções da fotografia pública no conhecimento histórico escolar. **Hist. Educ.**, Porto Alegre, v. 19, n. 47, p. 81-108, set./dez., 2015.

NOEL, Mario. **Escravos ou escravizados? Haiti: uma história de paixão, de luta e de sofrimento**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2017.

OLIVEIRA, Eliziane Cristina da Silva de. **Representação do sofrimento em capas de jornais brasileiros: coberturas fotográficas dos terremotos no Haiti e no Japão**. 26/02/2014 226 f. Mestrado em Estudos de Linguagens. Instituição de Ensino: Centro Federal de Educação Técnica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 3. ed. São Paulo, Autêntica 2007.

POZENATO, Kenia Maria Menegotto; GIRON, Loraine Slomp. **100 anos de imprensa regional: 1897-1997**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2004.

RADÜNZ, Roberto; CARDOSO, Tiago Aguiar. Anticomunismo nas páginas do Jornal Pioneiro. **Revista Latino-Americana de História**, São Leopoldo, v. 7, n. 19, p. 190-206, jan./jul. 2018

ROSA, Renata de Melo. Subjetividade e subversão do racismo: um estudo de caso sobre os haitianos na República Dominicana. **Rev. Inter. Mob. Hum.**, Brasília, Ano XVIII, n. 34, p. 99-112, jan./jun. 2010.

SCARAMAL, Eliesse dos Santos Teixeira. **Haiti: fenomenologia de uma barbárie**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2006.

SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. **Haiti: a soberania dos ditadores**. Porto Alegre: Solivros, 1994.

SILVA, Camila de Almeida. **O jornal Correio do Povo, ação política e intelectual: uma análise do ano de 1964**. 2016. 102 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

THOMAZ, Omar Ribeiro. O terremoto no Haiti, o mundo dos brancos e o Lougawou. **Novos estudos, CEBRAP**, São Paulo, n.86, p. 23-39, 2010.

TOKATLIAN, Juan Gabriel. Intervención en Haití, misión frustrada. Una crítica de América Latina. **FRIDE**, Madri, p. 1-8, set. 2005.

VALDUGA, Gustavo. **Paz, Itália, Jesus: Uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do Jornal Correio Riograndense (1930-1945)**' 01/07/2007 206 f. Mestrado em História – Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

VASCONCELOS, Alex Donizete. **A MINUSTAH e a alteridade: representações e identidades haitianas nos discursos da ONU e da Folha de São Paulo (2004-2010)**. 2010. 189 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás/Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

VASCONCELOS, Alex Donizete. **Identidades haitianas na história, na literatura e em discursos midiáticos do Haiti, da República Dominicana e dos Estados Unidos (2004-2014)**' 08/07/2016 355 f. Doutorado em História. Instituição de Ensino: Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

VAZ, Anelise. **Muito além da paz: a missão humanitária da ONU no Haiti**. Curitiba: Appris, 2015.

ZICMAN, Renée Barata. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. **Projeto História**, São Paulo, v. 4, p. 89-102, 1985.